



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE SAÚDE E TECNOLOGIA RURAL
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS



JANIERY PEREIRA E SILVA LOPES

**ESTUDO ETNOBOTÂNICO DE PLANTAS MEDICINAIS UTILIZADAS
PELOS MORADORES DO SÍTIO LOGRADOURO, LAGOA, PARAÍBA.**

PATOS – PB

2012

JANIERY PEREIRA E SILVA LOPES

**ESTUDO ETNOBOTÂNICO DE PLANTAS MEDICINAIS UTILIZADAS
PELOS MORADORES DO SÍTIO LOGRADOURO, LAGOA, PARAÍBA.**

Monografia apresentada à Coordenação do Curso de Ciências Biológicas, Campus de Patos/PB, como parte das exigências para a obtenção do grau de Licenciado em Ciências Biológicas.

ORIENTADORA: PROF^a. DR^a. MARIA DAS GRAÇAS VELOSO MARINHO

PATOS – PB

2012



Biblioteca Setorial do CDSA. Agosto de 2022.

Sumé - PB

FICHA CATALOGRÁFICA
Dados de Acordo com AACR2, CDU e CUTTER
Biblioteca Central

L864e **Lopes, Janiery Pereira e Silva.**
 Estudo Etnobotânico de Plantas Medicinais Utilizadas
 pelos Moradores do Sítio Logradouro, Lagoa, Paraíba.
/Janiery Pereira e Silva Lopes. – Patos – PB: UFCG, 2012.
 87 fls.

Orientadora: Prof. Dra Maria das G. Veloso Marinho
Monografia Curso de Licenciatura em Ciências
Biológicas

1. Etnobotânica. 2. Plantas medicinais. 3. Caatinga.
4. Sertão paraibano.
I. Título II. Universidade Federal de Campina Grande

BC

CDU: 57

Francisco das Chagas Leite – Bibliotecário. CRB 15/0076

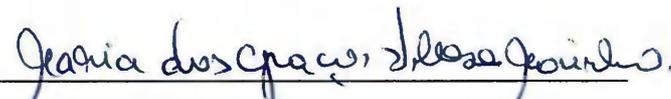
CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

**TÍTULO: ESTUDO ETNOBOTÂNICO DE PLANTAS MEDICINAIS
UTILIZADAS PELOS MORADORES DO SÍTIO LOGRADOURO,
LAGOA, PARAÍBA.**

AUTOR: Janiery Pereira e Silva Lopes

ORIENTADORA: Prof.^a Dr.^a Maria das Graças Veloso Marinho

APROVADA EM ____ / ____ /2012.



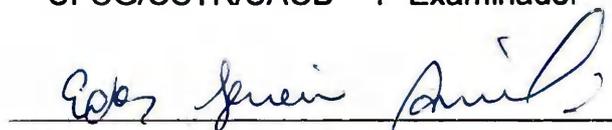
Prof.^a Dr.^a Maria das Graças Veloso Marinho

UFCG/CSTR/UACB - Orientadora



Prof. Dr. Carlos Eduardo Alves Soares

UFCG/CSTR/UACB – 1º Examinador



Prof. Dr. Eder Ferreira Arriel

UFCG/CSTR/UAEF – 2º Examinador

PATOS – PB

2012

*A Deus, por sua presença na minha vida.
Ao meu esposo, por ter me compreendido
Ao meu filho, obrigada por cada sorriso.
Aos meus pais, pelo incentivo e apoio
Aos meus irmãos e sobrinhos, pelo carinho.*

DEDICO...

AGRADECIMENTOS

Ao meu Deus! Por mais esta vitória, sem a tua misericórdia, sem o teu zelo por minha vida, não poderia chegar onde cheguei. Muito obrigada, meu Pai pelo fim de mais uma etapa.

Ao meu esposo (Jailton), muito obrigada, por sua compreensão, por seu companheirismo, por seu amor, por sempre estar ao meu lado, sempre me dando forças. Te amo!!!!

Ao meu filho (Manuel Olímpio), que desde tão pequeno suportou minha ausência, filho, isso tudo foi para investir no seu futuro. Mamãe te ama, muito...

Agradeço a quem me gerou, a quem sempre lutou por mim, me dando sempre incentivos, para correr atrás dos meus objetivos... meu pai, meu herói (Olímpio) e a minha mãe (Francisca, in memorian) que não contemplou nada da minha vida, mas contribuiu para que eu chegasse ao mundo. Mas, o Senhor colocou em minha vida uma mãe excelente, Mainha (Rosa) não sei como te agradecer por tudo que fez por mim.

Aos meus irmãos: Jair, Darkinha, Jônatas (in memorian), Jairinho, Tassinho, Juninho e Jedaias, muito obrigada!

Aos meus sobrinhos Wesley, Sabrina, Waléria, Rafael, Cinthia, Maria Eduarda e Jayse.

Aos meus amigos Rose(você foi mais que amiga, muito obrigada!), Alina, Kaio, Ivis, Alba, Carol, Annibal e Aurino... sentirei muitas, muitas saudades... muito obrigada, pelas conversas, risos, stresses, choros e muitas alegrias. Obrigada por ter conhecido vocês.

À Prof.^a Dr.^a Maria das Graças Veloso Marinho, coordenadora do curso, minha Orientadora, por ter aceitado o convite... você é uma mãe!!! Obrigada por seu companheirismo, por ser amiga e por ter sempre me ajudado; ao Prof. Dr^o Éder Ferreira Arriel, obrigada pela atenção.... por ser um professor exemplar e cordial...; Ao Prof. Dr. Carlos Eduardo Soares por todo o ensinamento, por ser um professor dinâmico e gentil.

Agradeço a todos os professores do curso de Ciências Biológicas que contribuíram de forma significativa para o meu aprendizado.

Às pessoas que tiveram a gentileza de prestarem informações necessárias para a minha pesquisa. A minha amiga Danielly e Andreza. Muito obrigada!

Aos motoristas Chico, Dirfânio, Amilko, Fábio, Antonio Filho e Francegildo, muito obrigada!

Aos que esqueci de mencionar, mas que me ajudaram, me incentivaram... muito obrigada.

Muito obrigada!

“A natureza tem para tudo o seu objetivo”

Aristóteles

RESUMO

As plantas têm sido utilizadas pelo homem desde a antiguidade, a fim de prevenir ou curar seus males. Estudos etnobotânicos têm sido intensificados com a finalidade de registrar o saber botânico tradicional, particularmente relacionado ao uso dos recursos da flora para fins terapêuticos. O presente trabalho teve como objetivo realizar um levantamento etnobotânico das plantas medicinais no Sítio Logradouro, município de Lagoa – PB, resgatando e descrevendo os aspectos botânicos das espécies indicadas como medicinais. Foi aplicado um questionário semiestruturado a 48 entrevistados, na faixa etária de 21 a 85 anos, de ambos os sexos, no período de março a abril de 2012, que abordou o nome científico e popular da planta, parte usada e forma de preparo. Os resultados mostraram 59 espécies, pertencentes a 33 famílias botânicas de uso medicinal, sendo que as plantas mais citadas foram a hortelã da folha miúda (*Mentha pulegium* L.), a romã (*Punica granatum* L.), o cajueiro (*Anacardium occidentale* L.), a alfazema brava (*Hyptis suaveolens* (L)Poit. e a macela (*Egletes viscosa* (L) Less. As famílias com maior número de espécies citadas foram Lamiaceae (7 ssp), Fabaceae (6 ss), Euphorbiaceae (4 spp), Cucurbitaceae (3 ssp), Apiaceae (3 spp) e Asteraceae (3 spp).

Palavras-chave: Etnobotânica, plantas medicinais, Caatinga, sertão paraibano.

ABSTRACT

Plants have been used by man since ancient times in order to prevent or cure their ills. Brazil, for having the world's highest floristic diversity, ethnobotanical studies have been intensified in order to register the traditional botanical knowledge, particularly related to the use of the resources of flora for therapeutic purposes. The present study aimed to conduct an ethnobotanical survey of medicinal plants in the Logradouro countryside in, Lagoa - PB, rescuing and describing aspects of botanical species as medicinal. We administered a semistructured questionnaire to 48 respondents, aged 21-85 years, of both sexes, from March to April 2012, which addressed the popular and scientific name of the plant part used and method of preparation. The results showed 59 species belonging to 33 botanical families in the medical category, and the most cited were the tiny mint leaf (*Mentha pulegium* L.), pomegranate (*Punica granatum* L.), the cashew tree (*Anacardium occidentale* L.) , wild lavender (*Hyptis suaveolens* (L) Poit. macela and (*Egletes viscosa* (L) Less. The families with the largest number of species were cited Lamiaceae, Fabaceae, Euphorbiaceae, Cucurbitaceae, Apiaceae and Asteraceae. Pharmacological and phytochemical studies may contribute more information and better guidance for use of these plants in the health and environmental quality.

Keywords: Ethnobotany, medicinal plants, Caatinga, Sertão paraibano.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1:	Mapa do Brasil.....	35
Figura 2:	Imagem de satélite do Sítio Logradouro, município de Lagoa – PB.....	36
Figura 3:	Localização do município de Lagoa – PB.....	36
Figura 4:	Vista da cidade de Lagoa – PB.....	37
Figura 5:	Moradores do Sítio Logradouro, município de Lagoa – PB.....	39
Figura 6:	Sítio Logradouro, município de Lagoa – PB.....	40
Figura 7:	Entrevista com moradores do Sítio Logradouro.....	41
Figura 8:	Coleta de dados dos informantes no Sítio Logradouro, Lagoa – PB.....	41
Figura 9:	Coleta de espécimes no Sítio Logradouro.....	43
Figura 10:	Acondicionamento em jornal dos espécimes coletados.....	43
Figura 11:	Sexo dos informantes no Sítio Logradouro.....	46
Figura 12:	Idade dos informantes no Sítio Logradouro.....	47
Figura 13:	Tempo de residência dos informantes no Sítio Logradouro.....	48
Figura 14:	Estado civil dos informantes do Sítio Logradouro.....	49
Figura 15:	Nível de escolaridade dos informantes do Sítio Logradouro.....	50
Figura 16:	Recorrência primária em casos de doenças, Sítio Logradouro.....	53
Figura 17:	Uso de remédios feitos com plantas medicinais, Sítio Logradouro.....	54
Figura 18:	Herança do conhecimento adquirido sobre o uso de plantas medicinais, Sítio Logradouro.....	55 56
Figura 19:	Partes das plantas utilizadas pelos moradores do Sítio Logradouro.....	
Figura 20:	Formas de uso das plantas utilizada pelos moradores do Sítio Logradouro.....	57
Figura 21:	Famílias Botânicas.....	59
Figura 22:	Plantas citadas com maior frequência pelos entrevistados.....	59

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	14
2.1	As plantas medicinais e sua utilização pelo homem.....	14
2.2	História das plantas medicinais.....	16
2.3	Plantas medicinais.....	18
2.4	Abordagem etnobotânica.....	19
3	REFERÊNCIAS	22
	ARTIGO: Estudo etnobotânico de plantas medicinais utilizadas pelos moradores do sítio Logradouro, Lagoa, Paraíba	28
	RESUMO E ABSTRACT	29
	INTRODUÇÃO	31
	MATERIAL E MÉTODOS	33
	Área de estudo etnobotânico.....	33
	Aspectos sociais.....	36
	História do Sítio Logradouro.....	37
	Coleta de dados do estudo etnobotânico.....	39
	Coleta e identificação das espécies	41
	Análise dos dados.....	43
	RESULTADOS E DISCUSSÃO	44
	Sexo dos informantes.....	44
	Idade dos informantes.....	45
	Tempo de residência no local.....	46
	Estado civil dos informantes.....	47
	Nível de escolaridade.....	48

Conceito de plantas medicinais na visão dos informantes.....	49
Importância das plantas medicinais para os informantes	50
Crença no poder curador das plantas.....	51
Em casos de doença, recorre primeiro a quem:	51
Usos de remédios feitos com plantas medicinais	52
Herança do conhecimento adquirido sobre o uso das plantas	53
Partes da planta.....	54
Formas de uso das plantas	55
Espécies de uso medicinais citadas pelos informantes.....	57
AGRADECIMENTOS	59
REFERÊNCIAS.....	60
GLOSSÁRIO DAS PROPRIEDADES MEDICINAIS DAS PLANTAS.....	66
ANEXO.....	67
ANEXO I: TABELA 1. Espécies de plantas medicinais utilizadas pelos informantes do Sítio Logradouro, município de Lagoa-PB.....	68
ANEXO II: Termo de consentimento livre e esclarecido	78
ANEXO III: Questionário sobre plantas medicinais	80
ANEXO IV: Normas da Revista Brasileira de Plantas Medicinais a ser submetido o artigo.....	82

INTRODUÇÃO

A Caatinga é considerada um bioma exclusivamente brasileiro (IBGE, 2004), composto por um mosaico de florestas secas e vegetação arbustiva (savana estépica), com encraves de florestas úmidas, montanhas e de cerrado (TABARELLI; SILVA, 2003). Considera-se, então, que sua biota não seja pobre em espécies e endemismos, pois, apesar de ser ainda pouco conhecida, é mais diversa que qualquer outro bioma no mundo, o qual esteja exposto às mesmas condições de clima e solo (BRASIL. MMA, 2003).

O bioma Caatinga vive momentos de várias transformações, incluindo neste contexto o seu desmatamento provocado pela ação antrópica. No nordeste do Brasil, em especial no Estado da Paraíba, a fauna e a flora da caatinga a cada dia encontra-se ameaçada de extinção, devido à falta de pesquisas científicas e equipes especializadas em orientar o uso dos recursos naturais desse bioma de maneira sustentável (BRASIL, 2002).

As novas tendências globais de uma preocupação com a biodiversidade e as ideias com desenvolvimento sustentável, trouxeram novos ares ao estudo das plantas medicinais brasileiras, que acabaram despertando novamente um interesse geral na fitoterapia (LORENZI; MATOS, 2008). Desta forma, informações etnobotânicas são importantes para o campo farmacêutico, pois todo o conhecimento de uma comunidade sobre as plantas do local são válidos, e servem de base para pesquisas com os princípios ativos encontrados na planta.

Durante o processo de evolução, o homem vem usando as plantas medicinais e aprofundando o seu conhecimento no estudo das mesmas. O desenvolvimento do conhecimento humano veio da necessidade de compreensão da relação homem e natureza e domínio do universo para o uso em seu próprio benefício (DI STASI, 1996; MIGUEL e MIGUEL, 1999; TEIXEIRA, 1994).

Diante disso, é importante que as pessoas conheçam as plantas existentes na região onde vivem, sabendo também, quais as formas corretas de armazenamento e utilização daquela planta, a indicação, a parte utilizada e qual a dose necessária para combater uma determinada patologia, tais informações permitirão que a comunidade possa utilizar com uma margem de segurança, sem possuir um risco de vida maior.

Nossa preocupação foi resgatar e registrar a sabedoria popular na forma de uso da vegetação de caatinga, sobre plantas medicinais, fazendo com que o estudo da etnobotânica na comunidade do Sítio Logradouro, município de Lagoa/PB, venha despertar a sensibilidade e a preservação das espécies ocorrentes, visando o uso sustentável dos recursos da flora.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 As plantas medicinais e sua utilização pelo homem

As plantas medicinais tiveram sua evolução ao longo dos tempos, nas mais variadas formas de tratamento. Desde a antiguidade até hoje, as plantas tem sido utilizadas nas mais variadas formas de mistura, como em garrafadas, chás, lambedores, xaropes, e etc. O homem percebeu que na planta existe algo, que podemos chamar de "princípio ativo", e se usada corretamente traz ações benéficas, capaz de curar doenças (LORENZI e MATOS, 2000).

"O uso de espécies vegetais, com fins de tratamento e cura de doenças, é uma prática milenar, atividade humana por excelência, que ultrapassou todas as barreiras e obstáculos durante o processo evolutivo, sendo amplamente utilizada por grande parte da população mundial como fonte de recursos terapêuticos eficazes (AL-SEREITI et al, 1999)."

Através do conhecimento adquirido, a sociedade humana possui um acervo de informações, que os torna possível interagirem e prover suas necessidades de sobrevivência. Neste acervo, guardam heranças de conhecimentos e procedimentos relativos ao mundo vegetal com o qual estas sociedades estão em contato. É importante destacar, que os primeiros estudiosos que ancoraram no Novo Mundo a partir do século XVII deixaram fontes preciosas de dados da flora e fauna americana (AMOROZO, 1996). Entretanto, conforme a visão da época, as informações coletadas *in loco* apresentavam-se de forma fragmentada, distanciadas do contexto real de onde foram extraídas. Com o desenvolvimento das ciências naturais e da antropologia, o estudo do uso e conhecimento de plantas por grupos humanos de diferentes culturas continuaram divididos. (AMOROZO, 1996).

A relação homem-natureza é muito complexa e ao longo dos tempos foi se alternando entre dominar e proteger a natureza. Além disso, há visões diferenciadas sobre tal relação, de acordo com as diferentes culturas (AMOROZO, 2002).

Para Martin (1995) é importante conhecer o contexto em que as plantas medicinais são usadas. Sendo assim, maior a probabilidade de fazer-se uma avaliação correta da efetividade do seu uso. Daí ser proveitoso trabalhar junto com áreas afins como botânica, farmacologia, antropologia, ecologia, economia e linguística.

A utilização de plantas pela população tem como destaque, a pesquisa científica, que traz o conhecimento químico, farmacológico e a utilização terapêutica (MATOS, 1997).

Estudos etnobotânicos indicam que o uso medicinal é mais relevante do que qualquer outro uso que se faça de plantas (BENNETT e PRANCE, 2000). Dessa forma, é evidente a importância de estudos etnobotânicos que visem conhecer os padrões de uso de plantas medicinais, observando como as pessoas administram seus recursos biológicos já que, segundo Clément et al. (2005), 80% das pessoas de todo o mundo dependem de medicina tradicional para tratar os problemas de saúde.

Segundo Mosca e Loiola (2009), apesar da grande influência dos meios de comunicação e do número crescente de farmácias na região Nordeste, a mesma destaca-se por apresentar frequência na utilização das plantas medicinais tanto na zona rural como no meio urbano. De acordo com Matos (2002) as plantas medicinais são utilizadas por 90% da população economicamente carente desta região. Para Amorozo (2002) as populações locais, em geral, possuem uma proximidade muito grande com o meio a sua volta. Isto ocorre, dentre outros motivos, pela necessidade de explorar do meio, recursos que serão utilizados para as mais variadas finalidades.

Em uma comunidade rural, no Estado de Pernambuco, Albuquerque e Andrade (2002a) realizaram estudos sobre o uso de recursos vegetais, a partir de conhecimentos botânicos. Os autores verificaram que esses recursos atendem as necessidades básicas da comunidade de diversas formas: alimentar, medicinal, forragem, repelente, sombra e ornamentação.

Segundo Marinho (2006) estudos etnobotânicos realizados no Estado da Paraíba, contribuirão para resgatar os conhecimentos e conceitos desenvolvidos

pelas comunidades a respeito do mundo vegetal, assim como o uso que se dá as plantas, visando melhores condições de qualidade de vida para as populações.

2.2 HISTÓRIA DAS PLANTAS MEDICINAIS

O homem busca na natureza, meios para melhorar a sua qualidade de vida (LORENZI e MATOS, 2008). A História das plantas medicinais é tão antiga, quanto à origem do homem. Dados nos mostram que o homem primitivo há 50.000 anos já utilizava plantas. Através da observação e experiências, descobriu nas plantas o poder para se livrar dos males. Ao longo do tempo, constatou também que existiam plantas nocivas, que provocavam delírios e poderiam chegar a óbito, foram incluídas em rituais religiosos e a elas foram atribuídas poder para mágica e contato com os deuses.

A prática do uso de plantas medicinais é registrada pelos Assírios, Egípcios e Hebreus, há 2.300 anos a.C (MARTINS, et al.,2000). No Egito foi descoberto um papiro por E. Ebers, em Luxor datado de 1.600 a.C. apresentava uma grande variedade de remédios feitos com plantas, foram mencionados cerca de 700 drogas (ALMEIDA, 1993). Na antiguidade, na Grécia e em Roma a medicina esteve fortemente ligada à medicina tradicional. Hipócrates conhecido como o "pai da medicina", na sua obra "*Corpus Hippocraticum*", fez um resumo histórico dos conhecimentos de seu tempo, indicando, para cada enfermidade, um fármaco vegetal (FERNANDES; FERREIRA, 1997; MARTINS et al., 2000) Hipócrates deu a medicina o seu caráter científico e racionalista.

A cultura chinesa (2.000 a 2.500 a.C.) descreve 365 drogas no 1º Pen T'São, trabalho do lendário Imperador Shen-Nung considerado o fundador e patrono da farmácia chinesa (PARKY, 1966).

Botânicos identificaram na Síria e Palestina 3.500 espécies, a flora descrita na Bíblia tem sido assunto de discussão e de muitos anos de pesquisa científica (RONALD, et al.,2004).

Os naturalistas acompanhavam as expedições exploratórias às terras do Novo mundo, mas sem, contudo se preocupar com o manejo e conservação das espécies (PIRES, 1984). Os botânicos, antropólogos e comerciantes, também registraram o uso de plantas medicinais por diferentes culturas.

As primeiras publicações sobre as plantas medicinais do Brasil se deram ainda no século XIX, através do Frei Velloso, autor da "Flora Fluminensis", seguido de Francisco Cysneiros Freire Allemão, naturalista do Museu Nacional do Rio de Janeiro e professor da faculdade de Medicina. Mas, foi dada uma maior ênfase a Karl Friedrich Philipp von Martius, escritor da "Flora Brasiliensis" considerada a mais completa obra da botânica no país. (LORENZI e MATOS, 2008). A Suma Etnológica Brasileira (RIBEIRO et al., 1987), reúne em seu volume I vários trabalhos relacionados a etnobiologia, narrando os aspectos etnobotânicos e etnozoológicos de grupos indígenas do Brasil.

Vários cientistas sistematizaram as plantas medicinais brasileiras, destacando-se: Manuel Freire Allemão de Cysneiros; Joaquim Monteiro Caminhoá; José Ricardo Pires de Almeida. No século XX, a maioria das obras foi extraída de trabalhos já realizados, preferencialmente de cunho regional. Vale ressaltar o trabalho de Pio Corrêa "Dicionário das Plantas Úteis do Brasil e das Exóticas Cultivadas" e a obra "Farmacopéia brasileira", publicada em 1929 por Rodolpho Albino Dias da Silva. (LORENZI e MATOS, 2008)

No século XX, o Brasil ainda era um país essencialmente rural, a população usava com grande frequência tanto a flora nativa quanto a exótica. Contudo, com o processo de industrialização e avanço da urbanização, o conhecimento tradicional foi colocado em segundo plano (LORENZI e MATOS, 2008).

Logo após a Segunda Guerra Mundial, com a propagação dos antibióticos, avanço das vacinas e a forte divulgação dos medicamentos sintéticos, a medicina natural foi perdendo seu valor, sua credibilidade (BERG, 1993). Com pouca comprovação científica das propriedades farmacológicas das plantas, o conhecimento das plantas medicinais tornou-se sinônimo de atraso tecnológico. Porém, devido à alta dos preços de medicamentos e os efeitos colaterais dos fármacos entre outros fatores, as pesquisas sobre os remédios naturais foram reativadas. O uso de plantas medicinais ressurgiu, muitas vezes como única forma de alternativa terapêutica para as comunidades carentes, na figura do remédio caseiro.

O governo brasileiro por meio do Decreto Presidencial 5.813, aprovou em 22 de Junho de 2006, a Política Nacional de Plantas Medicinal e Fitoterápico, com o intuito de aperfeiçoar as políticas públicas e promover melhoria na qualidade de vida da população (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2006).

No Estado da Paraíba o uso de plantas medicinais com fins terapêuticos ainda é bastante comum, principalmente no meio rural e no urbano de baixo poder aquisitivo. Estima-se que cerca de 300 espécies sejam empregadas com fins medicinais em todo estado (AGRA, 1980; AGRA & BARBOSA-FILHO, 1990; AGRA & SILVA, 1993).

Várias pesquisas confirmam que, remédios originados de plantas medicinais, são desenvolvidos em menor tempo, com custos, na maioria das vezes, inferiores aos obtidos artificialmente (FERREIRA, 2001), tais fatos têm favorecido o esforço pelas plantas medicinais, na busca de novos protótipos para a fabricação de novos fármacos.

2.3 PLANTAS MEDICINAIS

Para Amorozo e Gely (1988), plantas medicinais são quaisquer espécies vegetais que possuem compostos ativos com utilidade terapêutica, com valor real ou imaginário, que seja utilizada por determinada comunidade com fim curativo, prevenção ou tratamento de doenças. De acordo com Balbach (1992), entre as funções desempenhadas por essas plantas, está a limpeza do organismo com a eliminação das toxinas, neutralização da acidez do sangue, suprimento na falta de certos elementos nutritivos, estimulação na ação de certos órgãos e regularização no funcionamento de outros.

Segundo Brasil (2003), planta medicinal “é qualquer planta que tenha em seus órgãos, substâncias usadas com finalidade terapêutica, ou que estas substâncias sejam ponto de partida da síntese de produtos químicos e farmacêuticos”. A estas substâncias é dado o nome de princípio ativo, responsável pelo efeito terapêutico da planta medicinal.

Para Martius, as plantas medicinais brasileiras não apenas curam, fazem milagres. Com esta frase, C. F. Von Martius *apud* Martins et al., (2000) definiu bem a capacidade de nossas ervas medicinais.

Desta forma, Barlem et al., (1995) define plantas medicinais como toda e qualquer planta que atue de maneira benéfica no combate ou minimização de qualquer malefício no organismo humano.

2.4 ABORDAGEM ETNOBOTÂNICA

O termo Etnobotânica foi utilizado pela primeira vez por Harshberger, em 1895, para denominar o estudo sobre a utilização dos vegetais pelos aborígenes, embora não tenha deixado uma definição exata, mas, apontou maneiras pelas quais ela poderia servir à pesquisa científica (JONES, 1941; AMOROZO, 1996).

Com o passar dos anos várias definições foram dadas para a Etnobotânica. Para Posey (1987) a Etnobotânica é a disciplina que estuda o conceito desenvolvido por qualquer sociedade a respeito do mundo vegetal, compreendendo a maneira como um grupo de pessoas classifica e utiliza as plantas. Segundo Barrera (1979), os estudos etnobotânicos vão além da investigação botânica, uma vez que seus objetivos estão voltados para o valor cultural das plantas em determinada sociedade.

De acordo com Prance (1985) a história da Etnobotânica tem início a partir dos trabalhos de Carolus Linnaeus, médico e botânico. Segundo o autor, Linnaeus enviava seus alunos para várias partes do mundo, utilizando um diário de viagens rico em dados etnobotânicos, os mesmos traziam dados referentes a novas espécies de plantas e sua utilização pelas comunidades.

Amoroso (1996) afirma que a abordagem etnobotânica, ou seja, o estudo das plantas medicinais a partir de seu emprego por uma dada população constitui um aparato favorável na elaboração de estudos farmacológicos e fitoquímicos, por já estarem consagradas pelo uso contínuo”.

Autores como Siqueira (1981); Xolocotzy (1983); Gomez-Pompa (1986), Toledo (1986), Arenas (1986), Joyal (1987), Levi-Strauss (1987), Jain(1989), Martin (1995), Guarim Neto (1985a; 1996), Alexiades (1996), Amorozo (1996) e Begossi (1998) afirmam que é através da etnobotânica que é adquirido o conhecimento sobre as plantas medicinais e o resgate da sabedoria tradicional.

Por muito tempo, a pesquisa etnobotânica foi conhecida como sinônimo de botânica econômica, mas vale salientar que, a botânica econômica é a ciência das plantas úteis, está focada no valor econômico das plantas. Já a etnobotânica é a ciência que estuda a relação homem e planta, inserindo a interdisciplinaridade. (ALBUQUERQUE, 2000).

Segundo Martin (1995), a etnobotânica é parte da Etnoecologia que cuida das relações com as plantas. Etnoecologia é o estudo que descreve as interações de populações locais com o ambiente natural. Já para Fonseca- Krueel e Peixoto (2004),

etnobotânica "é o estudo das sociedades humanas, passadas e presentes, e suas interações ecológicas, genéticas, evolutivas, simbólicas e culturais com as plantas".

A partir de meados do século XX, a etnobotânica foi tomando novos rumos, várias pesquisas foram elucidadas e definidas de acordo com os estudos realizados (SHULTES e REIS, 1995). Foi registrado o uso da flora e as formas de manejo que as comunidades utilizavam para obter e manter os recursos disponíveis. Atualmente, a etnobotânica tem se destacado pela crescente busca por produtos naturais (BECK e ORTIZ, 1997).

A etnobotânica é mencionada na literatura como sendo um dos caminhos alternativos que mais cresceu nos últimos anos, para a descoberta de produtos naturais bioativos (MACIEL; PINTO; VEIGA, 2002). Com a propagação das ciências naturais e, posteriormente da antropologia, o estudo das plantas e seus usos por diferentes etnias, passou a ter outra visão.

O botânico e sistemata Richard Evans Schultes foi um dos precursores na pesquisa etnobotânica, trabalhou com índios no noroeste da Amazônia e descreveu o modo de preparo e utilização de várias plantas usadas como medicamentos, alucinógenos, anticoncepcionais, etc. (AMOROZO, 1996). Schultes também priorizou a conservação de dados etnobotânicos, visto que, alguns fatores contribuiriam para o extermínio dessas culturas. (PLOTKIN, 1995).

Com o passar do tempo, a prática etnobotânica recebeu diferentes olhares, cada qual refletindo a formação acadêmica dos pesquisadores envolvidos. Sendo de caráter interdisciplinar, permitiu e permite agregar cooperadores de diversas ciências com múltiplos aspectos como o social, cultural, da agricultura, da paisagem, da taxonomia popular, da conservação de recursos genéticos, da linguística e outros (MING e AMARAL JUNIOR, 1995).

Através dos trabalhos já realizados, pode-se entender a etnobotânica como sendo o estudo das inter-relações (materiais ou simbólicas) entre o ser humano e as plantas, devendo-se somar a este os fatores ambientais e culturais, bem como os conceitos locais que são desenvolvidos com relação às plantas e ao uso que se faz delas (JORGE e MORAIS, 2003).

No Brasil, por exemplo, os alemães J. B. Von Spix e Carl F. P. Von Martius, no século XIX, fizeram notas do uso de plantas pelos indígenas. Já muito antes (no século XVII) no Nordeste do Brasil, os holandeses Guilherme Piso e Georg Margraf,

coletaram plantas e registraram usos conhecidos pelos nordestinos (ALBUQUERQUE e ANDRADE, 2002b).

A maioria dos trabalhos etnobotânicos do Brasil, foram realizados em tribos indígenas, principalmente na Amazônia, dado pela histórica relação dessas comunidades com a floresta tropical. Através, do vasto conhecimento adquirido por parte das comunidades indígenas, outros tipos de comunidades ficaram como que menosprezada durante um período, sem interessar aos etnobotânicos. Durante muito tempo as comunidades rurais, formadas por caboclos, caiçaras e camponeses (BRANCH e SILVA, 1983); comunidades de pescadores e litorâneas (FIGUEIREDO; LEITÃO-FILHO; BEGOSSI, 1993); comunidades e grupos culturais negros (ALBUQUERQUE e CHIAPPETA, 1994; ALBUQUERQUE e ANDRADE, 1998) passaram a ser estudadas pelos etnobotânicos.

No Nordeste, diversas pesquisas têm sido realizadas junto às comunidades, destacando-se nesta área, o trabalho de Sales e Lima (1984), onde realizaram um levantamento das plantas utilizadas para diversos fins na microrregião de Soledade, Paraíba, em áreas de Caatinga. As espécies foram identificadas em formas de uso, das quais as principais foram medicinais (88%), combustível (80%) e alimentícia (35%).

Na comunidade da região arqueológica de Central-Bahia, foram realizados estudos etnobotânicos de plantas medicinais. Sendo assim, indicadas 61 espécies, distribuídas em 32 famílias, onde a predominância das Fabaceae 24,57% se atesta com 8,19% para cada subfamília (Papilionoideae, Caesalpinoideae e Mimosoideae) e Euphorbiaceae com 8,19% (PAULA et al., 2002),

Marinho (2006) realizou estudos etnobotânicos de plantas medicinais em duas comunidades do sertão paraibano. As comunidades estudadas utilizaram as plantas medicinais de várias formas, empregando diferentes partes, vegetativas e reprodutivas, onde destaca a utilização da casca do caule, seguida da entrecasca e da raiz e, como forma de preparo, o xarope (lambedor), foram as mais citadas pelos informantes, seguida da maceração e infusão.

3.REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMOROZO, M. C. M. & GELY, A. Uso de plantas medicinais por caboclos do Baixo Amazonas. Barcarena, PA, Brasil. **Boletim Museu Parasense Emílio Goeldi, Série Botânica**, 4 (1): 47-131, 1988.

AMOROZO, M.C.M. A abordagem etnobotânica na pesquisa de plantas medicinais. In: STASI, L.C. di (org.). *Plantas medicinais: arte e ciência: um guia interdisciplinar*, São Paulo: Editora da UNESP, p. 47-68, 1996.

AMOROZO, M.C.M. 2002. Uso e diversidade de plantas medicinais em Santo Antônio do Laverger, MT, Brasil. **Acta Botânica Brasília** 16(2): 189-203.

ALBUQUERQUE, U. P. & ANDRADE, L. H. C. Conhecimento botânico tradicional e conservação em uma área de caatinga no Estado de Pernambuco, Nordeste do Brasil. **Acta Botânica Brasília**, v. 16, n. 3, p. 273-285. 2002a.

ALBUQUERQUE, U.P. de, Andrade, L.de H.C. Uso de recursos vegetais da caatinga: O caso do agreste do estado de Pernambuco (Nordeste do Brasil). *Acta Bot.Bras.*27,336-346.2002b.

ALBUQUERQUE, U. P. A etnobotânica no nordeste brasileiro. *In: Tópicos atuais em botânica: palestras convidadas do 51o Congresso nacional de Botânica*. Cavalcanti, T. B. (et al) – Brasília: Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia / Sociedade Botânica do Brasil. 241-249, 2000.

ALBUQUERQUE, U. P. e CHIAPPETA, A. A. O uso de plantas e a concepção de doenças e cura nos cultos afro-brasileiros. **Ciências & Trópico**, Recife, v. 22, n. 2, p.197-210. 1994.

ALMEIDA, E. R. de. **Plantas medicinais: conhecimentos populares e científicos**. São Paulo: HEMUS, 1993. 341 p.

AL-SEREITI, M.R., Abu-Amer, K.M., Sen P. – “**Pharmacology of rosemary (Rosmarinus officinalis Linn.) and its therapeutic potentials.**” – *Indian J. Exp. Biol* 1999 Feb;37(2):124-30. Disponível em:
http://www.plantasmedicinales.org/archivos/rosmarinus_officialis_romero_monografia.pdf. Acesso em 05 de Abr de 2012.

AGRA, M. F. Contribuição ao estudo das plantas “medicinais” na Paraíba. In: *Simpósio de Plantas Medicinais do Brasil*, 6., 1980, Fortaleza. **Anais...** Fortaleza: SOPC (Sociedade Brasileira para O Progresso da Ciência), 1980. p. 64-66.

AGRA, M. F.; BARBOSA-FILHO, J. M. Levantamento da flora medicinal da Paraíba e triagem fitoquímica. **Revista Brasileira de Farmácia**, Rio de Janeiro, v. 71, n. 3, p. 72-76, 1990.

AGRA, M. F.; SILVA, M. G. Plantas medicinais usadas como comestíveis na Paraíba (Brasil) e na literatura. **Revista Brasileira de Farmácia**, v. 72, n.2, p. 42-44, 1993.

ARENAS, P. 1986. La etnobotânica em Gran Chaco. **Anais do IV Congresso Latino Americano de Botânica**. ICFES, Colômbia.

ALEXIADES, M. 1996. **Selected guidelines for ethnobotanical research: a field manual**. New York Botanical Garden, New York.

BALBACH, A. **As Plantas que Curam**. 2 ed. São Paulo: Editora Missionária, 1992.

BRANCH, L. C. e SILVA, M. F. Folk medicine of Alter do Chão, Pará, Brazil. **Acta Amazonica**, Manaus, v. 13, n 5-6, p. 737-797. 1983.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. **Biodiversidade da caatinga: áreas e ações prioritárias para a conservação**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente e Universidade Federal de Pernambuco, 2002. 36p.

BRASIL, Resolução da Diretoria Colegiada (RDC) No 140, de 29 de maio de 2003. <http://www.anvisa.gov.br/e-legis>. 2003. Acessado em 26 de fevereiro de 2012.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente – MMA. **Avaliação do estado do conhecimento da diversidade biológica do Brasil: vertebrados**. Brasília – DF: Secretaria de Biodiversidade e Florestas, 2003. 131 p.

BARLEM, S. M. S.; SANTANA, M. S. A. de; NOBRE, G. J. L.; CHERMONT, K. N. R. **Contribuição ao conhecimento Fitoterápico da Comunidade de Itacoara, município de Benevides, Estado do Pará**. (Trabalho de conclusão de curso apresentado pelo Centro de Ensino Superior do Pará). Belém, p. 21-30.1995.

BENNETT, B. C.; PRANCE, G. T. Introduced plants in the indigenous pharmacopeia of northern South America. **Economia Botany**, v. 54, p. 90 – 102, 2000. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/PesquisaObraForm.jsp>. Acesso em 26 de mar de 2012.

BERG, M. E. **Plantas medicinais na Amazônia – Contribuição ao seu conhecimento sistemático**. Belém, Museu paraense Emílio Goeldi, 1993.207p.

BARRERA, A. 1979. La Etnobotânica. Pp. 19-25. In: A. Barrera. **La Etnobotânica: três pontos de vista e uma perspectiva**. Xalapa, México, Instituto de Investigación sobre Recursos Bióticos

BEGOSSI, A. 1998. **Etnobotânica em comunidades caiçaras**. Pp. 108-120. In: V. S. Fonseca; M. I. Silva & C. F. C. Sá (Orgs.). **Etnobotânica: bases para a conservação**. EDUR, Rio de Janeiro.

BECK, H. T.; Ortiz, A. Proyecto etnobotánico de la comunidad Awá en el Ecuador. In: M. Rios e H. B. Pedersen (eds.). **Uso y Manejo de Recursos Vegetales**. Memorias del II Simposio Ecuatoriano de Etnobotânica y Botânica Econômica, Quito, 1997. p. 159-176.

CLEMENT, Y. N.; WILLIAMS, A. F.; KHAN, K.; BERNARD, T.; BHOLA, S.; FORTUNÉ, M.; MEDUPE, O.; NAGEE, K e SEAFORTH, C. E. A. A gap between acceptance and knowledge of herbal remedies by physicians: The need for educational intervention. **Complementary and Alternative Medicine** v. 5, 20, 2005.

Decreto nº 5.813, de 22 de junho de 2006. Aprova a Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos e dá outras providências. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília, DF, 23 jun. 2006. Seção 1, p. 2. Disponível em: http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/plantas_medicinais.pdf. Acesso em: 06 de Março de 2012.

DI STASI, L. C. (Org.). **Plantas Medicinais: arte e ciência, um guia de estudo interdisciplinar**. São Paulo: EDUSP. 1996. 230p.

FIGUEIREDO, G. M.; LEITÃO-FILHO, H. F.; BEGOSSI, A. Ethnobotany of Atlantic Forest coast communities diversity of plant uses in Gamboa (Itacuruçá Island, Brazil). **Human Ecology**, New York, v. 21, p. 419- 430. 1993.

FERNANDES, V.F; FERREIRA, A.C. **Alquimia vegetal: como fazer sua farmácia caseira**. Rio de Janeiro, Ed. Nova Era. 1997. 187f. (Dissertação de Mestrado) IB, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 1997.

FERREIRA, S.H. **Medicamentos a partir de plantas medicinais no Brasil**. DISPONIVEL: <http://www.abc.org.br/arquivos/medicamentos.pdf>. Acesso em 02 de Abr de 2012.

FONSECA-KRUEL, V.S. da., Peixoto, A. L., 2004. Etnobotânica na Reserva Extrativista Marinha de Arraial do Cabo, RJ, Brasil. *Acta. Bot. Bras.* 18, 177-190

GOMEZ-POMPA, A. 1986. Introduccion. **Anais do IV Congresso Latinoamericano de Botânica**. ICFES, Colômbia.

GUARIM Neto, G. 1985a. Espécies frutíferas do cerrado mato-grossense (I). **B. Fundação Brasileira para a Conservação da Natureza** 20: 46-56.

GUARIM Neto, G. 1996. **Plantas medicinais do Estado de Mato Grosso**. Associação Brasileira de Educação Agrícola Superior, Brasília

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. 2004. Mapa de Biomas do Brasil, primeira aproximação. Rio de Janeiro : IBGE. Acessível em www.ibge.gov.br. Disponível em: <http://www.mma.gov.br/> Acessado em: 05 de Agos de 2012.

JONES, V. H. The nature and states of ethobotany. **Chronica Botanica**, v.6, n.10, p-219-221. 1941.

JORGE, S. da S. A. e MORAIS, R. G. de. Etnobotânica de plantas medicinais. In: COELHO, M. F. B., COSTA JÚNIOR, P.; DOMBROSKI, J. L. D. (Org.). **Diversos olhares em etnobiologia, etnoecologia e plantas medicinais. Seminário de Etnobiologia, Etnoecologia, 1. e Seminário Centro-Oeste de Plantas Medicinais, 2. Anais**. Cuiabá: Ed. Unicem. p. 89-98. 2003.

JOYAL, E. 1987. Ethnobotanical fields notes from Ecuador: Camp, Prieto, Jorgen senand Giler. **Economic Garden** 41(2): 163-198.

JAIN, S. K. 1989. **Methods and approaches in ethnobotany.** Society of Ethnobiology, Lucknow, India.

LORENZI, Harri . MATOS, Francisco José de Abreu. **Plantas medicinais no Brasil Nativas e Exóticas.** São Paulo. Instituto Plantarum de Estudos da Flora LTDA. 11-25, 2000.

LORENZI, H. & MATOS, F.J.A. **Plantas Medicinais no Brasil: nativas e exóticas.** 2ª ed. Nova Odessa: Plantarum. 2008. p.11-25.

LEVI-STRAUSS, C. 1987. O uso das plantas silvestres da América do Sul tropical. **Suma Etnológica Brasileira** 1: 91-94.

MARTIN, G. J. **Ethnobotany: a methods manual.** London, Chapman & Hall. 1995. 268p.

MATOS, F. J. de A. **Introdução à fitoquímica experimental.** Fortaleza: Editora UFC, 1997. p.44-45.

MATOS, F.J.A. *Farmácias Vivas: sistemas de utilização de plantas medicinais projetado para pequenas comunidades.* 4. ed. Fortaleza: Editora UFC, 2002.

MARINHO, M. G. V. **Levantamento de plantas medicinais em duas comunidades do sertão paraibano, Nordeste do Brasil, com ênfase na atividade imunológica de *Amburana cearenses* (Fr.All.) A.C. Smith (Fabaceae).** 2006. 171 f. Tese (Doutorado em Produtos Naturais e Sintéticos Bioativos) Laboratório de Tecnologia Farmacêutica, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2006.

MARTINS, G.; CASTELLANE, P. D.; VOLPE, C. A. Influência da casa de vegetação nos aspectos climáticos e em época de verão chuvoso. **Horticultura Brasileira**, v. 12, n. 2, p. 131-5, 1994.

MARTINS, E. R. et al. **Plantas medicinais.** Viçosa: Editora UFV: Universidade Federal de Viçosa, 2000. 220p.

MACIEL, M. A. M.; PINTO, A. C.; VEIGA, V. E. Plantas medicinais: a necessidade de estudos multidisciplinares. **Química Nova**, v. 23, n. 3, p. 429-438. 2002.

MOSCA, V. P; LOIOLA, M. I. B. Uso popular de plantas medicinais no rio grande do norte, nordeste do Brasil. *Revista caatinga*, Mossoró. V. 22, N. 04, 2009.

MIGUEL, M.D., MIGUEL, O. G. **Desenvolvimento de Fitoterápicos.** São Paulo: Probe Editorial, 1999.

MING, L.C & AMARAL JÚNIOR, A. **Aspectos Etnobotânicos de Plantas Medicinais na Reserva Extrativista "Chico Mendes".** (Tese de doutorado). Botucatu. UNESP. 180p. 1995.

PAULA, F.; LOCKS, M.; BELTRÃO, M.; AMARAL, M. **Estudo preliminar etnobotânico de plantas de uso medicinal na região arqueológica de central – Bahia, Brasil.** 2002.

PARKY, D.C. **Great Moments in Pharmacy.** Detroit: Northwood Institute Press, 1966.

PIRES, M.J.P. Aspectos históricos dos recursos genéticos de plantas medicinais. **Rodreguesia**, v.36, n.59, p. 61-66, 1984.

POSEY, D. A. Introdução. Etnobiologia: teoria e prática. In: RIBEIRO, B. G. (Coord.) **Suma etnológica brasileira.** Vol. I. Etnobiologia. Petrópolis: Vozes, 1987. p. 15-25.

PRANCE, G. T. Etnobotânica de algumas tribos Amazônicas. In: Ribeiro, B. G. (Org.). **Suma Etnológica Brasileira.** Vol.1. Rio de Janeiro, 1985. p. 119-134.

PLOTKIN, M. J. The importance of ethnobotany for Tropical Forest conservation. In: SCHULTES et al. (Eds.). **Ethnobotany: Evolution of discipline.** New York. Chapman & Hall, 1995. p. 147-156.

RIBEIRO, B. (org.). **Suma Etnológica Brasileira.** vol. 1 – Etnobiologia.. Petrópolis: FINEP/Vozes.

RONALD, F. YOUNGBLOOD; F.F BRUCE & R. K. HARRISON; **Dicionário Ilustrado da Bíblia.** São Paulo: Vida Nova, 2004.

SIQUEIRA, J. C. 1981. **Utilização popular das plantas do cerrado.** Ed. Loyola, São Paulo.

SHULTES, R.E., von REIS, S. **Ethnobotany.** Portland: Dioscorides Press, 1995.

SALES, M.F., LIMA, M.J.A., 1985. Formas de uso da flora da Caatinga pelo assentamento da Microrregião de Soledade, Paraíba in: Anais da VII Reunião Nordestina de Botânica do Brasil – Seccional de Pernambuco, Recife, pp.165-184.

TABARELLI, M.; SILVA, J. M. C. Áreas e ações prioritárias para a conservação da biodiversidade na caatinga. In: SILVA, J. M. C.; TABARELLI, M.; FONSECA, M. T.; LINS, L. V. (Ed.). **Áreas e ações prioritárias para a conservação da biodiversidade na Caatinga.** Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2003. p. 777-796.

TEXEIRA, P.C. **Do Herbalismo Tribal aos Remédios Florais do Dr. Bach.** São José do Rio Preto, São José, 1994.

TOLEDO, V. M. 1986. La etnobotânica em Latino América: Vicisitudes e desafios. Pp. 35-52. **Anais do IV Congresso Latino americano de Botânica.** ICFES.

XOLOCOTZY, E. H. 1983. El concepto de etnobotánica. Pp. 13-18. In: A. Barrera (Ed.) **La etnobotánica: tres puntos de vista y una perspectiva**. Xalapa. Inst. Nac. de Investigaciones sobre Recursos Bióticos.

ARTIGO

A ser submetido na Revista Brasileira de Plantas Mediciniais

**ESTUDO ETNOBOTÂNICO DE PLANTAS MEDICINAIS UTILIZADAS PELOS
MORADORES DO SÍTIO LOGRADOURO, LAGOA, PARAÍBA.**

**Estudo Etnobotânico de Plantas Medicinais Utilizadas pelos Moradores do
Sítio Logradouro, Lagoa, Paraíba.**

LOPES, J.P.S¹ ; MARINHO, M.G.V.²

¹Universidade Federal de Campina Grande, Graduação Ciências Biológicas, Unidade Acadêmica de Ciências Biológicas, Avenida Universitária, s/n, Bairro Santa Cecília, CEP 58700-970, Patos-Brasil *janierysilva@hotmail.com.br ²Universidade Federal de Campina Grande, Unidade Acadêmica de Ciências Biológicas, Avenida Universitária, s/n, Bairro Santa Cecília, CEP 58700-970, Patos-Brasil.

RESUMO O presente trabalho teve como objetivo realizar um levantamento etnobotânico das plantas medicinais no Sítio Logradouro, município de Lagoa – PB. Foi aplicado um questionário semiestruturado a 48 entrevistados, na faixa etária de 21 a 85 anos, de ambos os sexos, no período de março e abril de 2012, que abordou o nome científico e popular da planta, parte usada e forma de preparo. Os resultados mostraram 59 espécies, pertencentes a 33 famílias botânicas na categoria medicinal, sendo que as mais citadas foram o hortelã da folha miúda (*Mentha pulegium* L.), a romã (*Punica granatum* L.), o cajueiro (*Anacardium occidentale* L.), a alfazema brava (*Hyptis suaveolens* (L) Poit. e a macela (*Egletes viscosa* (L) Less. As famílias com maior número de espécies citadas foram Lamiaceae, Fabaceae, Euphorbiaceae, Cucurbitaceae, Apiaceae, Asteraceae e Rutaceae. Nas preparações de remédios caseiros, a parte da planta mais citada foi a folha (33%), em seguida a casca com (27%). Várias formas de preparo foram observadas, sendo mais indicado o chá (48%) e o lambedor com (27%).

Palavras-chave: Etnobotânica, espécies medicinais, Caatinga, sertão paraibano.

ABSTRACT: Ethnobotanical study of medicinal plants used by locals Site, Logradouro, Lagoa, Paraíba. The present study aimed to conduct an ethnobotanical survey of medicinal plants in the Logradouro countryside in, Lagoa - PB. We administered a semistructured questionnaire to 48 respondents, aged 21-85 years, of both sexes, between March and April 2012 that addressed the scientific and common name of the plant part used, and method of preparation. The results showed 59 species, belonging to the category 33 families botanical medicine, and the most cited were the tiny mint leaf (*Mentha pulegium* L.), pomegranate (*Punica granatum* L.), cashew tree (*Anacardium occidentale* L.) Lavender brava (*Hyptis suaveolens* (L) Poit. macela and (*Egletes viscosa* (L) Less. The families with the largest number of species cited were Lamiaceae, Fabaceae, Euphorbiaceae, Cucurbitaceae, Apiaceae, Asteraceae and Rutaceae. On preparation of remedies, the part of the plant most cited was the leaf (33%), after the shell (27%). Several preparation methods were

observed, being more suitable the tea (48%) and the licker with (27%). The informations obtained showed the importance of ethnobotanical study for the community.

Keywords: Ethnobotany, species used, Caatinga, Sertão paraibano.

INTRODUÇÃO

O uso de plantas medicinais é uma prática que vem sendo utilizada ao longo da história, para prevenir, tratar e até mesmo curar algumas doenças. Ainda hoje nas regiões mais pobres do país e até mesmo nas grandes cidades brasileiras, plantas medicinais são comercializadas em feiras livres, mercados populares e encontradas nos quintais residenciais (Maciel et al. 2002).

A flora brasileira é considerada uma das mais ricas fontes de substâncias bioativas, a vasta diversidade de tradições a ela associadas é apenas mais um reflexo deste imenso potencial, além de uma valiosa ferramenta no estudo e exploração de seus recursos. Desde 2002, a OMS vem estimulando pesquisas de validação de plantas usadas há séculos. Para a flora do Brasil estão registradas 43.206 espécies, sendo 31.721 espécies de Angiospermas. O Bioma Caatinga está contemplado com 4.320 espécies sendo 744 endêmicas deste bioma (Flora do Brasil, 2012).

A combinação da biodiversidade com o conhecimento tradicional de seu uso, concede ao Brasil uma posição privilegiada para o desenvolvimento de novos produtos. Dessa forma, usuários de plantas medicinais de todo o mundo, permanece com a prática do consumo de fitoterápicos, tornando válidas informações terapêuticas que foram sendo acumuladas durante séculos.

Este tipo de cultura medicinal, desperta o interesse de pesquisadores em estudos, envolvendo áreas multidisciplinares como, por exemplo, botânica, farmacologia e fitoquímica, que juntas enriquecem os conhecimentos sobre a inesgotável fonte medicinal natural: a flora mundial (Brandão, 2006).

A etnobotânica envolve o estudo das inter-relações das sociedades humanas com a natureza (Alcorn, 1995; Alexiades & Sheldon, 1996). Seu caráter

interdisciplinar e integrador são confirmados na diversidade de temas que pode estudar, acoplando os fatores culturais e ambientais, bem como os conceitos desenvolvidos por essas culturas sobre as plantas e o aproveitamento que se faz delas (Alcorn,1995; Albuquerque,2004). Estudos revelam que a prática da etnobotânica é antiga, e que remonta as relações entre os seres humanos e as plantas (Balick & Cox, 1997).

A pesquisa etnobotânica traz resultados de ordem prática, baseados no conhecimento do grupo estudado e estes poderão ser empregados em prol da nossa própria sociedade, o que é significativo no estudo das plantas medicinais com fins terapêuticos.

A utilização das plantas se dá de diversas maneiras, tais como: alimentação, vestimenta, medicina, abrigo, como também as plantas usadas em culto e folclore. Estas, por sua vez, representam uma das bases da cultura material da humanidade (Balick; Cox, 1997). No entanto, o uso de plantas medicinais na cura de enfermidades, deixou de ser considerado místico e atualmente é objeto de estudo nas pesquisas científicas, com comprovações diante da farmacologia e fitoquímica. Desta forma, plantas medicinais caracterizam-se por toda e qualquer planta que atue de maneira benéfica no combate ou minimização de qualquer enfermidade.

A fitoterapia é um recurso utilizado para prevenção e tratamento de doenças, através de uma variedade de plantas medicinais existentes em nossa flora, sendo a forma mais antiga e fundamental de medicina da Terra.

Portanto, o resgate do conhecimento sobre as plantas medicinais e suas práticas terapêuticas, é uma maneira de deixar registrado um modo de aprendizado informal, que contribui para a valorização da medicina popular, além de gerar informações sobre a saúde da comunidade local (Pilla; Amorozo; Furlan, 2006).

O objetivo do presente trabalho, foi realizar um estudo etnobotânico de plantas utilizadas como medicinais, por moradores do Sítio Logradouro, município de Lagoa - PB.

MATERIAL E MÉTODOS

Área de estudo etnobotânico

O estudo foi desenvolvido no Sítio Logradouro (Figura 2), município de Lagoa (Figura 2 e 3), localizada no sertão da Paraíba, microrregião de Catolé do Rocha. O município limita-se com os municípios de Bom Sucesso, Jericó, Mato Grosso, Paulista, Pombal, São Francisco e Santa Cruz, distando 391 km da Capital João Pessoa.

A base física do município apresenta uma área 177.90 km², com altitude média de 281m, com latitude 06° 34' 14" S e longitude 37° 54' 57" W.

A vegetação predominante na região é de Caatinga, onde se destaca a presença de cactáceas, arbustos e árvores de pequeno e médio porte. O clima segundo a classificação de Koppen é do tipo Bsh, semiárido, marcado por uma estação seca e outra chuvosa. A média anual das precipitações pluviométricas fica em torno de 886 mm, a estação seca tem início em Agosto e prolonga-se até Dezembro. A temperatura média é de 28°C e os solos predominantes são do tipo areno-argiloso.

O relevo varia de ondulado a fortemente ondulado em aproximadamente 65% da área total do município. Com uma altitude de 800 metros se encontra as serras Cabaça, Caiçara, Caraibeiras, Maniçoba, Pipoca, Serra do Moleque, Nazaré, Olho d'água e Serra Verde.

O município é banhado por alguns riachos temporários, conhecidos na região como riacho da Barroquinha, Riacho das Caraíbas, Riacho do Carneiro, Riacho do Jenipapo, Riacho do Sabiá e Riacho do Tabuleiro Comprido.

Os principais açudes do município estão localizados nos sítios Malhada da Areia, Ramada, Besouro, Jatobá, Pai-João e Taquari, sendo este último o mais importante do Município. Contudo o abastecimento de água para a população vem do açude do Carneiro, localizado no município de Jericó.

As Famílias praticam agricultura de subsistência, cultivando Milho, Feijão, Fava, Arroz Vermelho e Gergelim. Na pecuária se destacam a criação de bovinos, caprinos e galináceos.



Figura 1: Mapa do Brasil, Fonte: Google

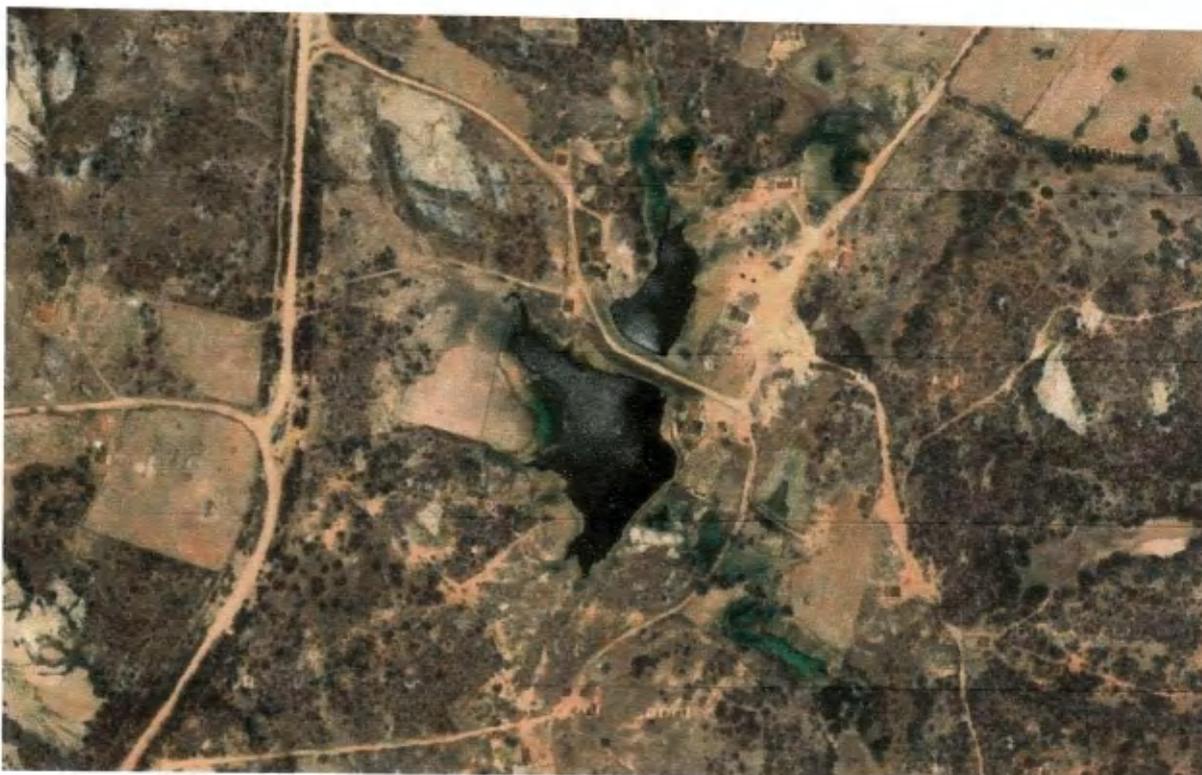


FIGURA 2: Imagem de satélite do Sítio Logradouro, município de Lagoa – PB. Fonte: Google Earth



FIGURA 3: Localização do município de Lagoa – PB. Fonte: Google Earth



FIGURA 4: Vista da cidade de Lagoa – PB. FONTE: LOPES, J.P.S. 2012

Aspectos Sociais

O município de Lagoa (Figura: 3 e 4) foi criado pela lei número 2.663 de 22 de Dezembro de 1961 e instalado em 31 de dezembro de 1961. Com área e 182,8km, está a 409,7 da Capital. Segundo o IBGE (2010) a população de Lagoa é estimada em 4.681 habitantes, sendo a grande maioria dessa população (51%) habitantes da zona rural. A área urbana possui apenas dois estabelecimentos municipais de saúde, para atender toda população, tanto os moradores da zona rural quanto os da zona urbana, o que contribui para a procura por parte da população rural por alternativas no tratamento de doenças.

O sistema educacional está composto por 16 estabelecimentos de ensino fundamental e 01 de ensino médio, com um total de 1176 matriculados em todo o município (IBGE, 2009).

História do Sítio Logradouro

Os historiadores mostram a descoberta destas Terras, com os primeiros habitantes, os Índios Pegas, *Tapuios*, *Paiacus*, *Cayacus* e *Cariris*.

No final do século XVII, os bandeirantes do Governo Geral matavam os Índios requerendo suas terras. Eram eles, os Oliveiras Ledo, que povoaram principalmente a região do Rio Piranhas.

A Região foi desbravada por Teodósio de Oliveira Ledo, seus irmãos e seus filhos, a exemplo da maioria das cidades do Sertão Paraibano.

Em 1650, já existia a presença de Índios na Região do Município de Lagoa. Em 1794, teve origem o atual Município de Lagoa, a povoação foi criada entre a junção de três Riachos, pois as terras eram férteis, auxiliando assim na criação do gado e na lavoura.

O Sítio Logradouro foi descoberto no final do século XVIII, seus primeiros habitantes foram os índios *Tapuios*, os mesmos praticavam o canibalismo, não sendo aceito por toda tribo, eles viviam sempre em atrito e dividiram-se, alguns deles ficaram no sertão e outros foram para o litoral.

Mas, foi no início do século XIX, que o Senhor João José decidiu procurar um lugar para salvar os seus animais, criava bastante ovinos, caprinos, bovinos e equinos, existia muita água naquele local e seus animais estavam perecendo. Saiu ao Norte de Lagoa, e encontrou um local especial e disse ele “agora vou lograr toda

minha criação, e vou colocar o nome deste lugar de Logradouro”, e tomou posse das terras, com sua esposa e cinco filhos.

E lá ele descobriu o local onde os índios *Tapuios* viviam. No Sítio Logradouro existe um grande Lajedo com uns tanques feitos pela própria natureza, e ali os índios matavam animais e pilavam dentro desses tanques, chamados de: lajedo, tanque e pilão dos tapuios.

O Logradouro possui um açude público, chamado açude velho e uma igreja evangélica (Figura 6). O primeiro professor foi Simplício Roque, ensinava com muita dedicação e exigia bastante dos alunos, alguns deles em menos de dois meses de aula, já sabia ler e escrever.



FIGURA 5: Moradores do Sítio Logradouro, município de Lagoa – PB. FONTE: LOPES, J.P.S. 2012



FIGURA 6: Sítio Logradouro, município de Lagoa – PB. FONTE: LOPES, J.P.S. 2012

COLETA DE DADOS DO ESTUDO ETNOBOTÂNICO

A pesquisa foi realizada nos meses de março e abril de 2012 através de entrevistas semiestruturadas, com aplicação de questionário elaborado (Figura 6). Foram obtidas informações como: nome, idade, sexo, grau de escolaridade, uso das plantas com fins medicinais, parte usada e suas indicações. (ANEXO III).

Os questionários foram aplicados através de visitas às residências dos informantes (Figura 7), sendo realizadas duas entrevistas por família, uma vez que a comunidade estudada possui poucos habitantes.

Durante as entrevistas, houve uma boa receptividade pelos moradores daquele sítio. Segundo De-La-Cruz-Motta (1997), isto é importante para que os

trabalhos tenham êxitos, pois o pesquisador é inserido na comunidade com referência feita por pessoas de confiança.



FIGURA 7: Entrevista com moradores do Sítio Logradouro. FONTE: LOPES, J.P.S. 2012



FIGURA 8: Coleta de dados no Sítio Logradouro. FONTE: LOPES, J.P.S. 2012

COLETA E IDENTIFICAÇÃO DAS ESPÉCIES

O material botânico foi coletado no momento e após as entrevistas, com a obtenção das partes vegetativas e, quando possível, das reprodutivas. A coleta foi realizada nos quintais e próximo às residências, com acompanhamento dos informantes.

Os espécimes coletados foram acondicionados em jornais, prensados e etiquetados com as informações sobre a planta e o local de coleta. As amostras foram secas em estufa aproximadamente a 60°C, posteriormente montadas e etiquetadas, seguindo-se as técnicas usuais para herborização encontradas em Forman e Bridson (1989).

A identificação das espécies foi realizada através da análise dos caracteres vegetativos e reprodutivos, por comparação com o material botânico depositado no herbário CSTR da Universidade Federal de Campina Grande, e também comparado com os trabalhos de Agra (1980, 1996), Agra et al. (1994, 1996); Braga (1976); Corrêa (1926, 1978); Costa (1992); Lorenzi (1992, 1994, 1998), Lorenzi & Sousa (1995), e Matos (1997, 1998).

A identificação botânica é importante porque, espécies diferentes, com as mesmas características morfológicas, são conhecidas pelo mesmo nome popular, e uma mesma espécie pode receber mais de uma denominação (Penso, 1980).



FIGURA 9: Coleta de espécimes no Sítio Logradouro. FONTE: LOPES, J.P.S. 2012



FIGURA 10: Acondicionamento em jornal dos espécimes coletados. FONTE: LOPES, J.P.S.2012

ANÁLISE DOS DADOS

A frequência relativa das plantas medicinais foi calculada baseando-se em Amorozo e Gely (1988) e Barlem et al. (1995), da seguinte forma:

$$\text{FRP} = \frac{\text{NTI} \cdot 100}{n}$$

Onde:

FRP = Frequência Relativa da Planta (%)

NTI = Número Total de Informantes

n = número de citações da planta/categoria

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Sexo dos informantes

O universo amostral foi de 48 entrevistados, sendo que 73% dos entrevistados eram do sexo feminino (Figura 11). O maior número de mulheres entrevistadas atribui-se pela permanência em casa, nas ocupações domésticas. Resultado idêntico foi encontrado em um levantamento etnobotânico nos quintais do distrito de Martinésia, Uberlândia – MG, 73% dos informantes entrevistados eram mulheres (SALGADO & GUIDO, 2006).

Segundo Amorozo e Gely (1988), Amorozo (1996), Joshi e Joshi (2000), Viertler (2002), Borba e Macedo (2006), a mulher domina mais o conhecimento das plantas que crescem próximo a casa, enquanto que os homens conhecem mais as plantas do “mato”.

Rizzo et al. (1999) obteve resultados semelhantes em Pirenópolis (GO), onde se observou que 90% dos informantes eram do sexo feminino. Também na comunidade de Guamirim, município de Irati (PR), 83% dos informantes eram mulheres (Jacoby et al. 2002).

Na comunidade estudada, assim como em outros locais do país, as mulheres demonstram forte interesse sobre as plantas medicinais, talvez por ficarem mais tempo em casa e se responsabilizarem mais nos cuidados com a saúde de filhos e netos (Nodari & Guerra 2000; Fonseca-Kruel & Peixoto 2004). Para Albuquerque; Lucena (2004), a casa, o quintal e seus arredores, são “espaços femininos” tanto nas sociedades camponesas como nas indígenas.

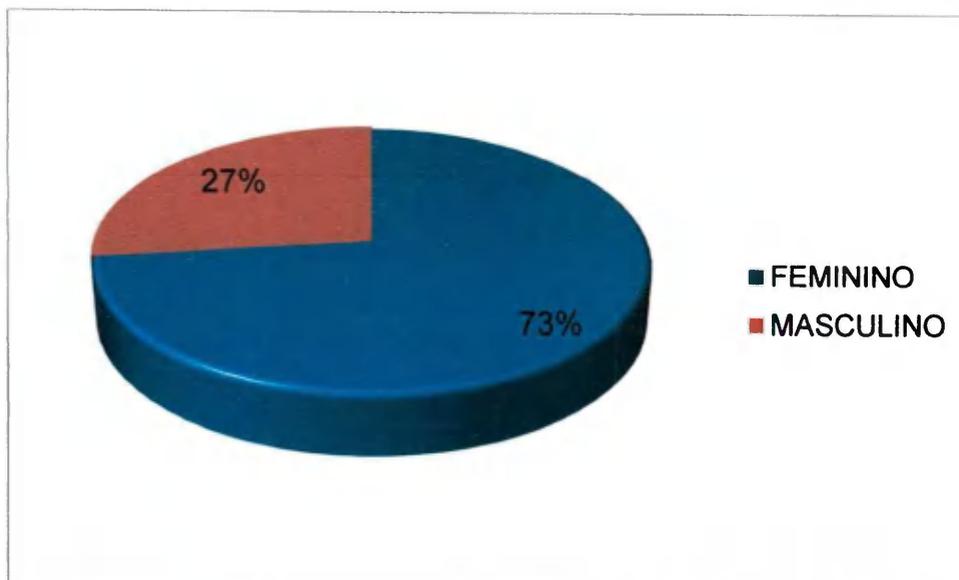


FIGURA 11: Sexo dos informantes no Sítio Logradouro, Lagoa – PB.

Idade dos informantes

A idade dos informantes variou de 21 a 80 anos, destes 21% com idades de 61 a 70 anos (Figura 12). Isso demonstra que o uso de plantas medicinais é feito por pessoas mais velhas, que detêm mais experiências. Apenas 11% dos entrevistados são pessoas jovens. A idade dos informantes do sexo feminino variou de 21 a 78 anos. Quanto ao sexo masculino, a idade variou de 29 a 80 anos.

Em estudo realizado por Silva (2011), no sítio Nazaré, município de Milagres - Ceará, a idade variou de 25 a 85 anos, 18% dos entrevistados tinha acima de 40 anos.

No trabalho de Rodrigues et al.(2002), em Luminárias- MG, as idades variaram de 32 a 89 anos. Em trabalho realizado por Oliveira (2008) a informante mais nova tinha 27 anos e o mais velho 73 anos.

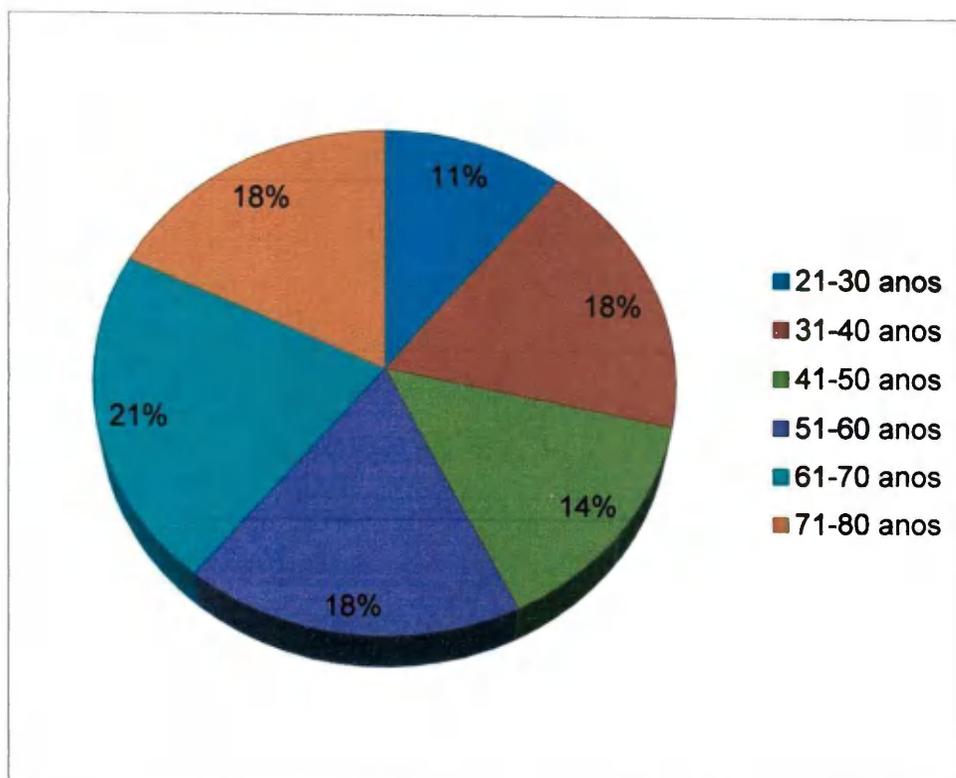


FIGURA 12: idade dos informantes, Sítio Logradouro, Lagoa – PB.

Tempo de residência no local

O tempo de residência variou de 2 anos até tempos em que alguns não lembra. Após análise dos dados, foi verificado que 55% dos entrevistados mora há mais de 30 anos no local (Figura 13). Segundo Ming e Amaral Júnior (1995) e Amorozo (1996), o tempo de permanência no local influencia o nível de conhecimento de uma sociedade sobre o meio. O tempo o qual uma determinada sociedade ocupa um ambiente é muito importante para estabelecer o nível de precisão e profundidade do conhecimento das plantas medicinais com propriedades terapêuticas (Amorozo, 1996).

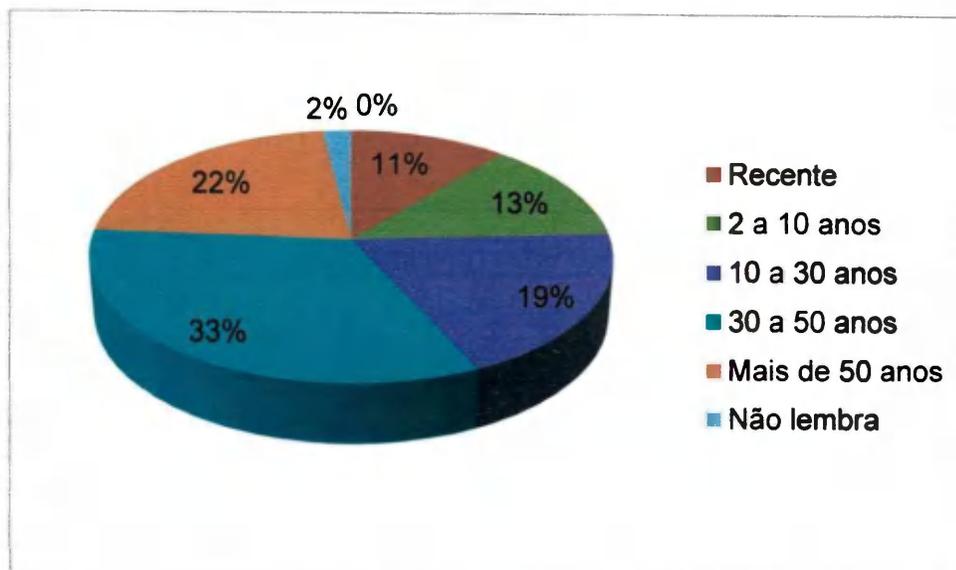


FIGURA 13: Tempo de residência no Sítio Logradouro, Lagoa-PB.

Estado civil dos informantes

Considerando o estado civil dos informantes (Figura 14), 56% destes afirmaram serem casados, 23% solteiro, 15% outros (vivem juntos ou se encontram separados) e viúvos 6%.

Diferentemente, em trabalho realizado por Oliveira (2008), em Rosário da Limeira- Minas Gerais, todos os informantes são casados.

Em estudo etnobotânico realizado em Milagres – CE pode-se analisar que a maioria dos entrevistados também são casados (Silva, 2012).

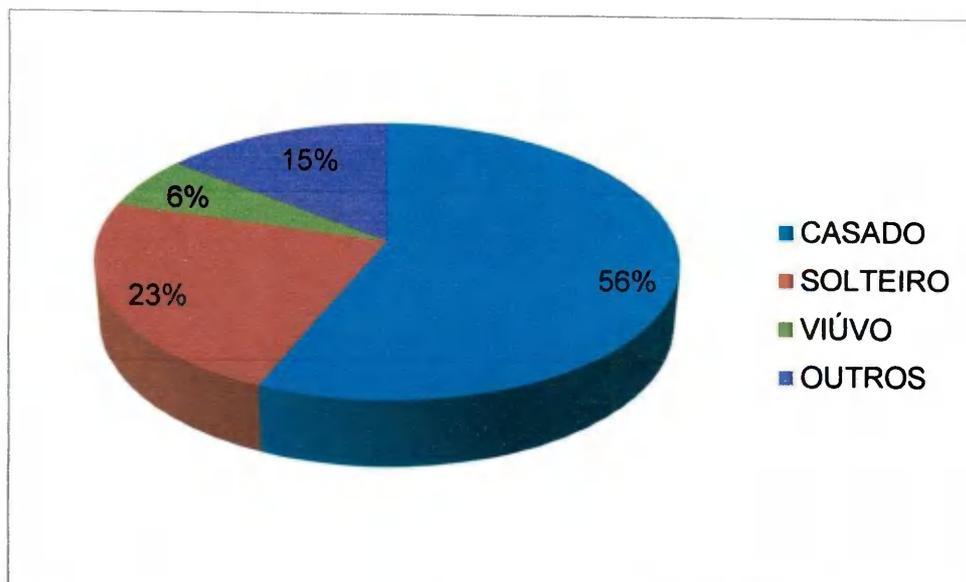


FIGURA 14: Estado civil dos informantes do Sítio Logradouro, Lagoa – PB.

Nível de escolaridade

Com relação ao nível de escolaridade (Figura 15), constatou-se que 31% dos entrevistados sabem ler e escrever, 27% sabem apenas assinar o nome, 25% não sabem ler e escrever e 17% sabem ler e escrever pouco. Vale ressaltar que, os que sabem ler e escrever estudaram até a antiga 4^a série.

Em conversa com uma senhora, a mesma falou que não tiveram tempo de ir à escola, mas, existia um professor particular e seus pais pagavam ao professor Simplício Roque para ensinar a seus filhos a ler, “aprendemos em dois meses, a ler e escrever”.

Kffuri (2008) mostra em um estudo etnobotânico de plantas medicinais realizado no município de Senador Firmino em Minas Gerais, que o conhecimento das plantas medicinais na terapêutica tradicional é influenciado pelo grau de instrução, onde quem não frequentou a escola ou frequentou pouco escolhe primeiramente o tratamento tradicional, ao invés da medicina moderna.

Segundo Martinazzo e Martins (2004), em um levantamento de plantas medicinais utilizada pela população do município de Cascavel/PR, o nível de escolaridade não interfere no uso das plantas medicinais. Apenas, para complementar os resultados, Rizzo et al., (1998), avaliaram o uso de plantas medicinais em Pirenópolis – GO eram feitos com fins curativos, independentes do grau de escolaridade ou poder aquisitivo. Sendo contrário, ao conceito de que apenas pessoas de baixo nível de escolaridade e poder aquisitivo, sejam as que mais utilizam.

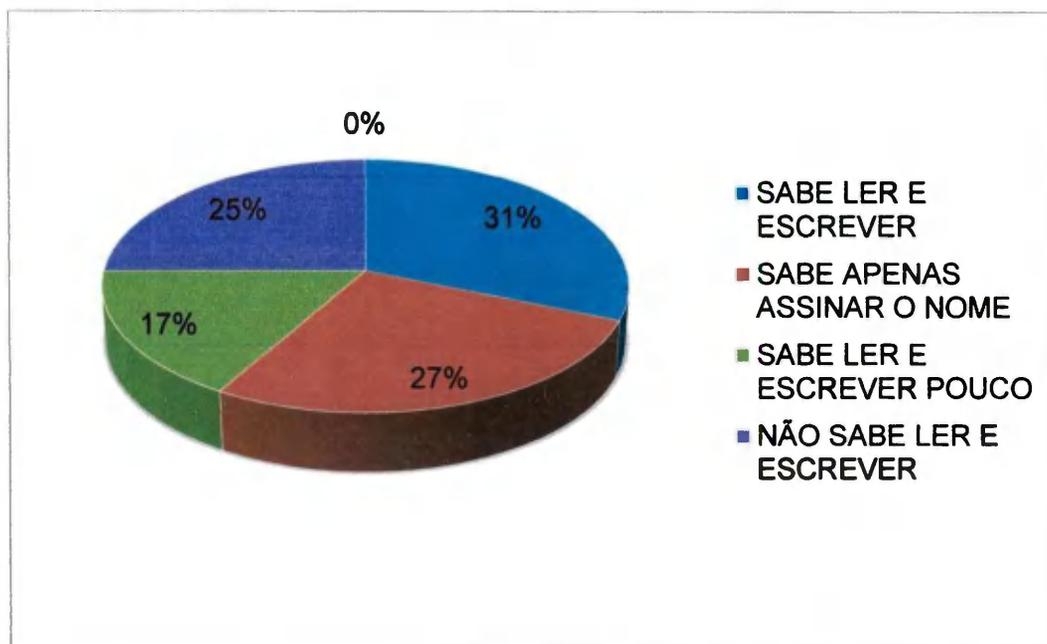


FIGURA 15: Nível de escolaridade dos informantes do Sítio Logradouro, Lagoa-PB.

Conceito de plantas medicinais na visão dos informantes

Os informantes foram questionados sobre o conceito de plantas medicinais, parte dos entrevistados tinham dificuldades para responder, diziam que não sabiam responder. Alguns conheciam o termo “planta medicinal”, como “remédio do mato”.

Algumas definições de plantas medicinais mencionadas pelos informantes:

"Pra mim é a planta que pode curar".

"É para fazer um chá"

"... É hortelã, cidreira..."

"É tudo... cura várias doenças, mais também dá doença..."

"É cajueiro, quixabeira, ameixa e jatobá..."

"Serve para remédio".

"Pra mim toda planta é boa..."

"É malva que é bom pra gripe".

"É uma planta que cura, cura mesmo".

"É uma planta que pode curar, dependendo da doença".

"É uma planta muito boa".

"É uma planta que se for usada correta, pode curar".

"Cansação já me curou de apendicite, eu só confio no mato".

"É aquela que a pessoa pode usar como remédio"

"É uma planta que gosto de usar: limão, malva, jatobá, tem de monte..."

Importância das plantas medicinais para os informantes

A maioria dos informantes afirmaram que as plantas medicinais são importantes, na cura. Vejamos algumas respostas dos informantes:

"Além de trazer Oxigênio pra nós, ainda serve de remédio... algumas né."

"As plantas são naturais, não contém drogas, cura com o poder que ela tem."

"Tem em casa com frequência e é barato".

"São importantes por caso que cura muitas doenças, não tem química..."

"Cura doenças, dar sombra e a gente também se alimenta com as plantas."

"Elas curam, já me tratei com plantas..."

“São muito importante, não me ocupo ir pra médico, curo por aqui mesmo”.

“É importante, sempre me trato com lambedor feito de casca.”

“Em vez de tomar medicamento, tomo um chazinho caseiro.”

Crença no poder curador das plantas

Quando questionados se acreditavam no poder curador das plantas, foram unânimes nas respostas, todos os entrevistados acreditam no poder que as plantas têm para curar. Em estudo etnobotânico realizado por Kffuri (2008) no município de Senador Firmino – MG, constatou que 60% das pessoas entrevistadas, acreditam que as plantas medicinais podem curar qualquer doença.

Em casos de doença, recorre primeiro a quem:

Dependendo dos casos de doenças (Figura 16), os informantes recorrem primeiro ao uso das plantas medicinais (69%), seguindo-se o posto médico (23%), se tratam com remédios farmacêuticos (6%) e às vezes procuram um rezador (2%). Magalhães (2006) verificou nas comunidades do entorno da Reserva Natural Serra das Almas, que 85% das pessoas entrevistadas utilizavam inicialmente medicamentos caseiros para curar doenças. Porém Lameira et al.(2004) afirma que mesmo possuindo elementos como uma horta medicinal ou uma farmácia viva, não deve ser negligenciada a consulta ao médico.

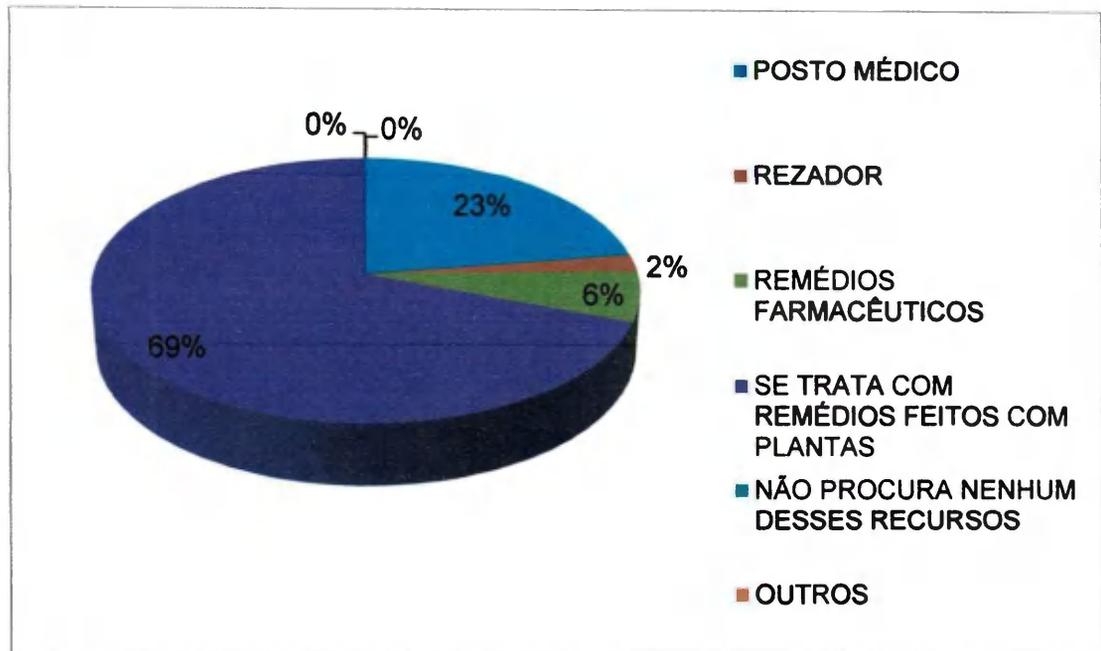


FIGURA 16: Recorrência primária em casos de doenças, Sítio Logradouro, Lagoa – PB

Uso de remédios feitos com plantas medicinais

Na comunidade entrevistada, 75% das pessoas afirmaram usar remédios feitos a partir de plantas (Figura 17). A comunidade utiliza a fitoterapia como forma de curar ou prevenir algumas doenças. Segundo López (2006), as plantas medicinais sempre foram utilizadas pelos povos, desde os tempos mais remotos que as plantas medicinais foram a principal, ou mesmo a única matéria prima para elaboração de medicamentos (Ody, 1993).

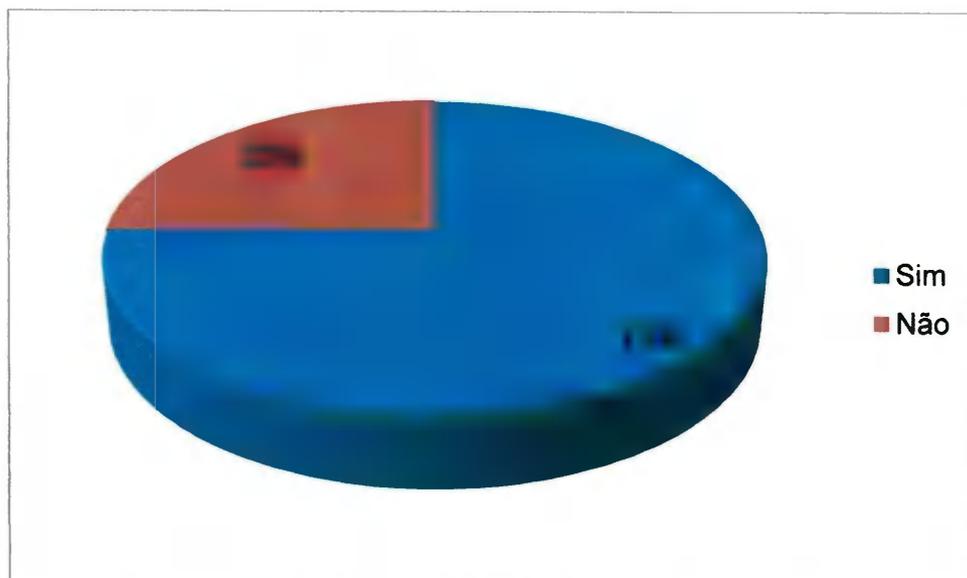


FIGURA 17: Uso de remédios feitos com plantas medicinais, Sítio Logradouro, Lagoa – PB

Herança do conhecimento adquirido sobre o uso das plantas medicinais

A comunidade entrevistada afirmou ter herdado o conhecimento sobre as plantas medicinais através dos pais (67%), avós (21%), TV (8%), rádio (2%) e livros (2%), (Figura 18). Estudos semelhantes foram realizados em outras regiões, alguns entrevistados também herdaram o conhecimento dos pais e avós, (Ming; Amaral Junior, 1995; Rodrigues e Guedes, 2006).

De acordo com Ming e Amaral Junior (1995), o conhecimento transmitido de pai para filho, através da observação direta das atividades dos pais, é a forma mais tradicional de passar informações.

O conhecimento e o uso de plantas medicinais são influenciados pela disponibilidade de espécies numa determinada região, e a diversidade de espécies nativas citadas refletem, até certo ponto, a riqueza florística local (Amorozo, 2002).

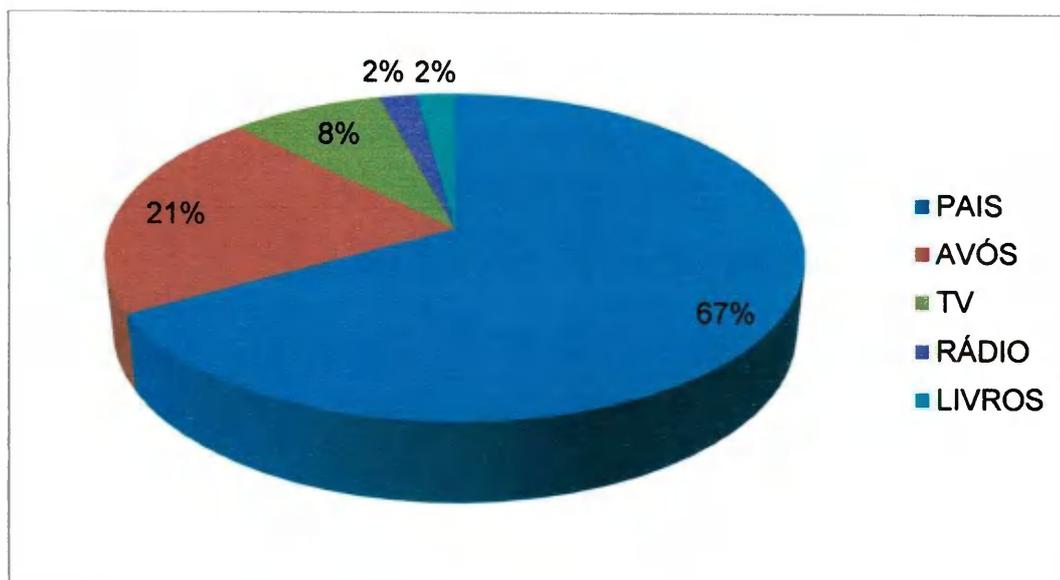


FIGURA 18: Herança do conhecimento adquirido sobre o uso das plantas medicinais, Sítio Logradouro, Lagoa - PB.

Partes da planta

A comunidade do Sítio Logradouro utiliza diversas partes das plantas, sendo predominante o uso das folhas (33%), utilizadas na preparação de chás para uso interno, em seguida estão as cascas (27%), raízes (13%), sementes (13%), flores (10%) e frutos (4%) (Figura 19).

Massarotto (2009), estudando algumas comunidades quilombolas Kalunga, em Goiás – GO, registrou-se que (33,5%) dos informantes utiliza as folhas na medicina local.

De acordo com Faria (1998), em seu estudo realizado sobre o uso de plantas medicinais em Juscimeira e Rondonópolis - MS, as folhas (41%) também representam a parte mais utilizada como remédio.

Pereira-Martins (2001) na comunidade negra de Abacatal-PA, também teve as folhas (57%) como a parte da planta mais indicada.

Estudo realizado por Marinho (2006) em duas comunidades do sertão paraibano, e por Almeida e Albuquerque (2002) na feira em Caruaru-PE, destacaram o uso das cascas na medicina tradicional, ao contrário de Sá (2002) e Moreira et al. (2002), que verificaram predomínio para o uso das folhas.

Em trabalho realizado por Chaves (2008), demonstra que 37% dos informantes, utilizam as folhas na fabricação de lambedores, em seguida 25% usam as cascas, 12,6% usam as raízes, enquanto que a parte menos utilizada é o óleo, com 0,3%.

Isso demonstra que a folha e as cascas dos vegetais são as partes mais utilizadas na preparação de medicamentos fitoterápicos pelas comunidades tradicionais.

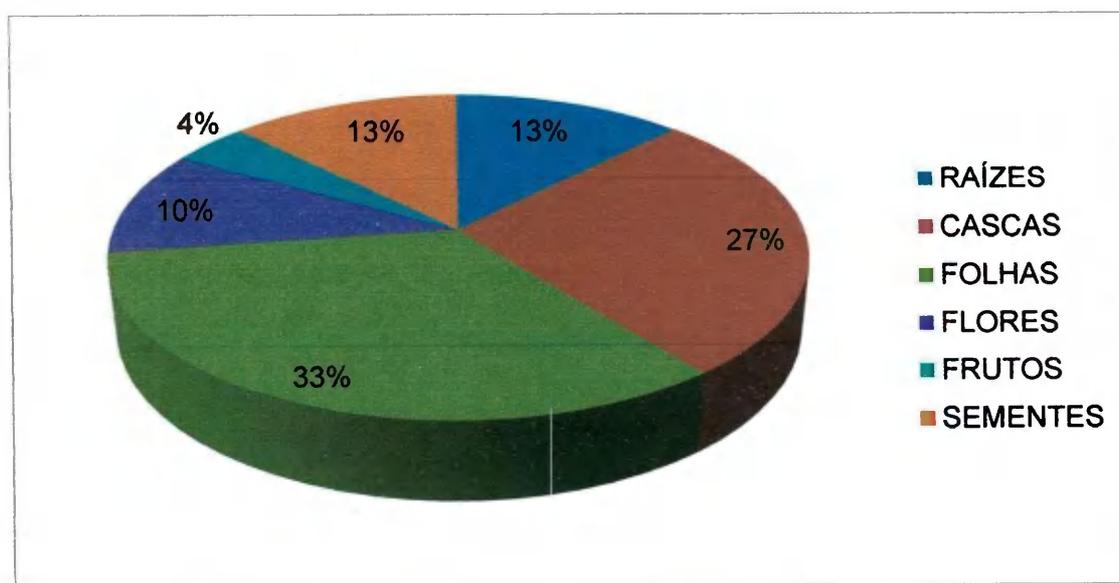


FIGURA 19: Partes das plantas utilizadas pelos moradores do Sítio Logradouro, Lagoa – PB.

Formas de uso das plantas

O Chá foi a forma de uso mais utilizada (48%), em seguida o lambedor (27%), xarope (15%) e outros (supositório, sumo, inalação, suco) (10%). Os chás e xaropes

foram as formas de preparo mais encontradas por Medeiros et al. (2004), Amorozo (2002) e Arnous et al. (2005) (Figura 20).

De acordo com Castellani (1999), a infusão é a forma de preparo de fitoterápicos mais empregada, e utiliza as partes tenras das plantas medicinais.

Em um levantamento etnobotânico, realizado por Santos (2011) no município de Catingueira-PB, evidenciou que, 75% dos entrevistados usam o chá e 21% o lambedor como formas de preparo dos remédios na comunidade. Resultados semelhantes foram encontrados por Marinho (2006), Vendruscolo e Mentz (2006) e Ricardo (2011).

Para Chaves (2008), os lambedores apresentam uma grande importância para a população devido ao fácil acesso e a eficácia no tratamento de problemas respiratórios.

A forma de preparo neste levantamento, 'outros' referiu-se à utilização em forma de banho, maceração, emplasto, supositório, sumo, inalação, sucos, in natura conforme indicada na Tabela 1.

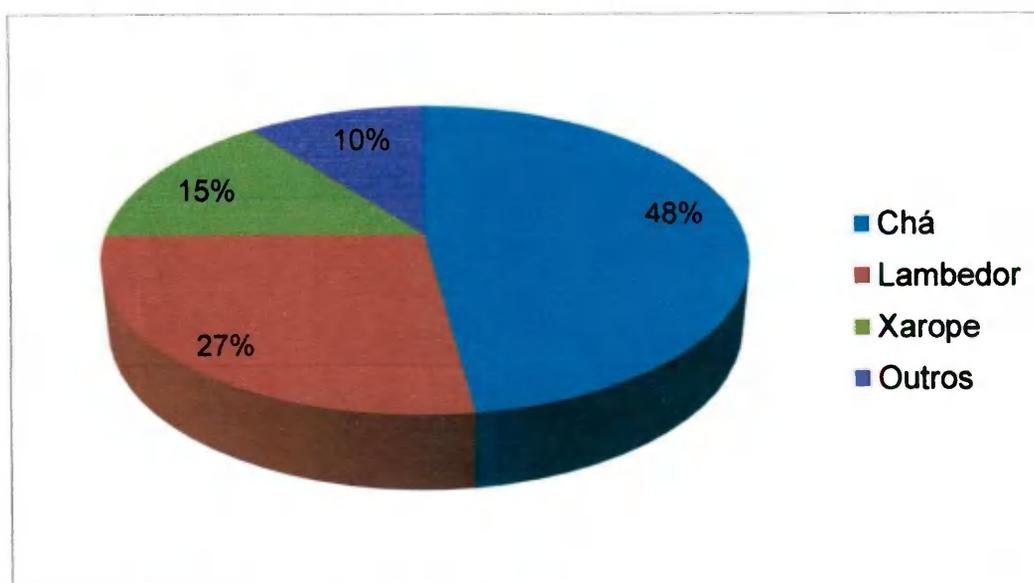


FIGURA 20: Formas de uso das plantas utilizada pelos moradores do Sítio Logradouro, Lagoa – PB.

Espécies de uso medicinais citadas pelos informantes:

Os informantes, durante as entrevistas, relataram que faziam uso de várias plantas para fins medicinais e chegaram a citar mais de uma planta ou combinações para o preparo do remédio caseiro. O número de plantas citadas não é equivalente ao número de entrevistados pelo fato dos informantes mencionarem várias plantas em uma só entrevista. Em um universo de 48 entrevistados 59 espécies foram citadas pela maior parte dos informantes, que estão agrupadas em 33 famílias botânicas.

Os grupos botânicos mais representativos pertencem às famílias Lamiaceae (7 spp.), Fabaceae (6 spp.), Euphorbiaceae (4 spp.), Asteraceae, Apiaceae, Cucurbitaceae e Rutaceae (3 spp.) (Figura 21), e as demais com duas ou uma espécie cada .

Em levantamentos de uso das plantas medicinais realizados em outros Estados Brasileiros, alguns podem ser comparados com o presente estudo. Santos (2002) ao realizar o levantamento das plantas medicinais, em Tacaratu-PE, também indicou as famílias mais representativas em número de espécies, Lamiaceae (7 spp), Euphorbiaceae (3 spp). Já no estudo realizado por Teixeira e Melo (2006), no município de Jupi-PE, as famílias representadas por maior número de espécies foram Lamiaceae (11 spp), Asteraceae (8 spp) e Cucurbitaceae (7 spp).

Em um levantamento realizado das plantas medicinais cultivadas no centro de estudo e pesquisa Malaquias da Silva Amorim, Campina Grande – PB, por Severiano et al.(2010), constatou-se a Lamiaceae, como a família mais preponderante (7,17%) das espécies cultivadas, em seguida Asteraceae (6,15%), Verbenaceae (3,7%), Euphorbiaceae e Poaceae, cada uma com 2,5%, as demais com apenas uma espécie, somando, ao todo, 57% das famílias registradas.

Souza (2011), realizou um levantamento de plantas medicinais no município de Esperança-PB, foram catalogadas 25 famílias, destacando a Lamiaceae e a Liliaceae com três espécies cada uma e Myrtaceae, Anacardiaceae, Caesalpinaceae e Apiaceae com duas espécies cada.

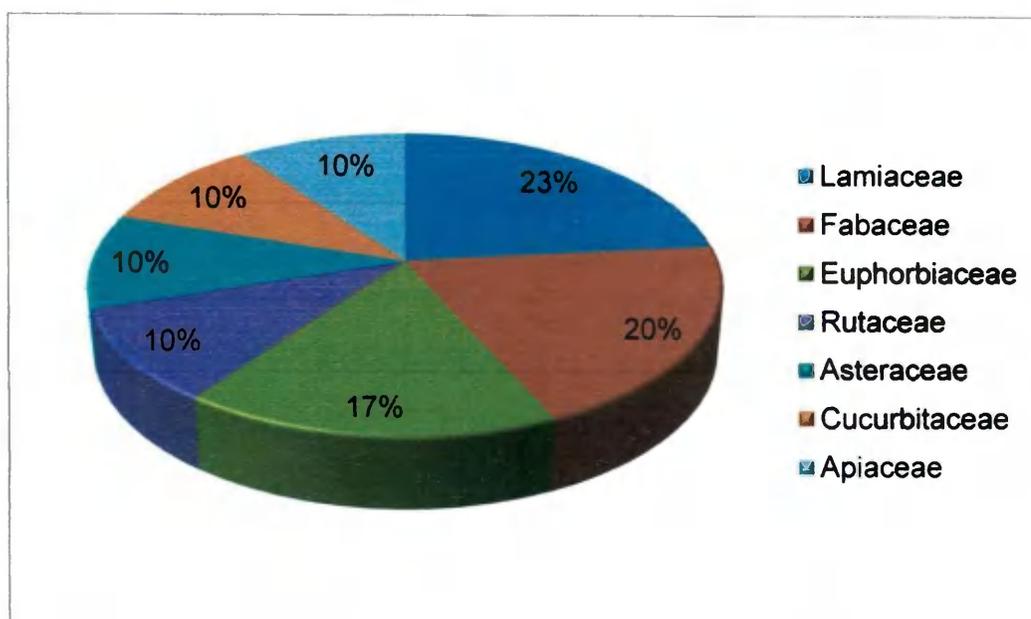


Figura 21: Famílias botânicas

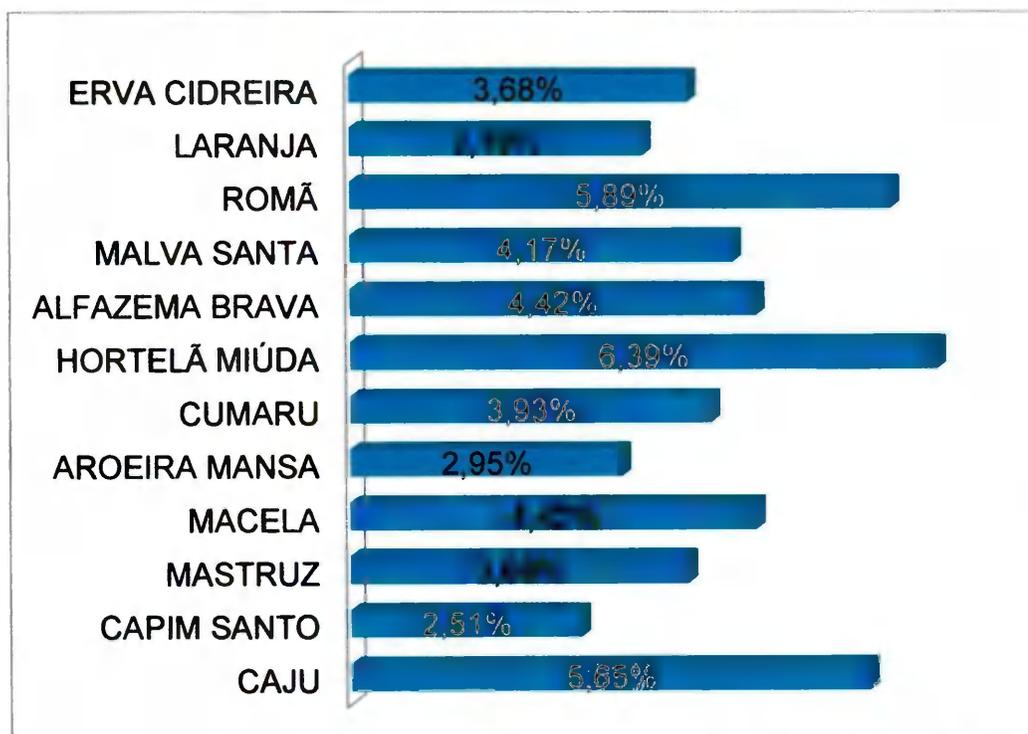


FIGURA: 22 Plantas citadas com maior frequência pelos entrevistados da comunidade do Sítio Logradouro, Lagoa-Paralba.

AGRADECIMENTOS

A Comunidade do Sítio Logradouro pelas informações prestadas e pela receptividade.

REFERÊNCIAS

- Albuquerque, U.P. & Andrade, L.H.C. 2002. Conhecimento botânico tradicional e conservação em uma área de caatinga no Estado de Pernambuco, Nordeste do Brasil. **Acta Botânica Brasílica** 16(3): 273-285.
- AGRA, M. F.; LOCATELLI, E.; ROCHA, E. A.; BARACHO, G. S.; FORMIGA, S. C. Plantas medicinais dos Cariris Velhos, Paraíba. Parte II: subclasses Magnoliidae, Caryophyllidae, Dilleniidae e Rosidae. **Revista Brasileira de Farmacognosia**, Curitiba, v. 77, p.97-102. 1996.
- AGRA, M.F. Contribuição ao estudo das plantas "medicinais" na Paraíba. In: SIMPÓSIO DE PLANTAS MEDICINAIS NO BRASIL, 6, 1980, Fortaleza. **Anais...** Fortaleza: Sociedade Brasileira para o Progresso de Ciência – SBPC, Brasil, 1980. p.64-66.
- ALBUQUERQUE, U. P. e LUCENA, R. F. P. **Métodos e técnicas de pesquisa etnobotânica**. Recife: Livro Rápido/ NUPEEA, 2004. 189p
- ALMEIDA, C. F. C. B. R. e ALBUQUERQUE, U. P. Uso e conservação das plantas e animais medicinais no estado de Pernambuco (Nordeste do Brasil): um estudo de caso. **Interciência**, Caracas, v. 27, n.6, p.276-285. 2002.
- ALMEIDA, C. de F. C. B. R. de, **Uso e conservação de plantas e animais medicinais no estado de Pernambuco**: um estudo de caso no Agreste. Recife: Universidade Federal de Pernambuco. 2001 – (Trabalho de Conclusão de Curso), 50 p., 2001.
- AMOROZO, M.C.M. Uso e diversidade de plantas medicinais em Santo Antônio do Leverger, MT, Brasil. *In.*: **Acta Bot. Bras.**, v. 16, n. 2, p. 189-203, 2002.
- Amorozo, M.C.M. 1996. A abordagem Etnobotânica na Pesquisa de Plantas Medicinais. Pp. 47-67. In: Di-Stasi, L.C. **Plantas Medicinais: Arte e Ciência: um guia de estudo interdisciplinar**. São Paulo, Editora da Universidade Estadual Paulista.
- AMOROZO, M. C. M. & GELY, A. Uso de plantas medicinais por caboclos do Baixo Amazonas. Barcarena, PA, Brasil. **Boletim Museu Parasense Emílio Goeldi, Série Botânica**, 4 (1): 47-131, 1988.
- ALCORN, J. B. The scope and aims of Ethnobotany in a developing World. In: R. E. SCHULTES & S. von REIS, editores. **Ethnobotany: Evolution of a discipline**. London: Chapman & Hall, p. 23-39.1995.
- ARNOUS, A.H.; SANTOS, A.S, BEINNER, R.D.C. Plantas Medicinais de uso caseiro – conhecimento popular e interesse por cultivo comunitário. **Revista Espaço para a Saúde**, v.6, n.2, p.1-6, 2005

ALEXIADES, M. 1996. **Selected guidelines for ethnobotanical research: a field manual**. New York Botanical Garden, New York.

BALICK, M. J.; COX, P. A. **Plants, people, and culture: the Science of Ethnobotany**. New York: Scientific American Library, 1997. 228p.

BRANDÃO, M. G. L.; COSENZA, G. P.; MOREIRA, R. A.; MONTE-MÓR, R. L. M. Medicinal plants and other botanical products from the Brazilian Official Pharmacopeia. **Revista Brasileira de Farmacognosia**, Curitiba, v. 16, n. 3, p. 408-420. 2006.

BORBA, A. M; MACEDO, M. **Plantas medicinais usadas para a saúde bucal pela comunidade do bairro Santa Cruz, Chapada dos Guimarães, MT, Brasil**. *Acta bot.bras.*(20)4: 771-782.2006.

BARLEM, S. M. S.; SANTANA, M. do S.A. de; NOBRE, G. J. L. e CHERMONT, K. de N. R. **Contribuição ao conhecimento Fitoterápico da Comunidade de Itacoara, município de Benevides, Estado do Pará**. (trabalho de conclusão de curso apresentado pelo Centro de Ensino Superior do Pará). Belém, p. 21-30.1995.

CPRM - Serviço Geológico do Brasil - Projeto cadastro de fontes de abastecimento por água subterrânea. Diagnóstico do município de Lagoa, estado da Paraíba / Organizado [por] João de Castro Mascarenhas , Breno Augusto Beltrão, Luiz Carlos de Souza Junior, Franklin de Moraes, Vanildo Almeida Mendes, Jorge Luiz Fortunato de Miranda. Recife: CPRM/PRODEEM, 2005.

Disponível em: <http://www.cprm.gov.br/rehi/atlas/paraiba/relatorios/LAGO099.pdf>. Acessado em: 15 de Agosto de 2012.

CARRICONDE, C. **Introdução ao uso de Fitoterápicos nas Patologias de APS**. Olinda: Centro Nordestino de Medicina Popular de Pernambuco, 2002.

CASTELLANI, D.C. **Plantas medicinais**. Viçosa: Agromídia software, 1999.

CHAVES, T.P. Ivan Coelho Dantas, Delcio de Castro Felismino. et al. LAMBEDOR: UM CONHECIMENTO POPULAR EM ABORDAGEM CIENTÍFICA. **Revista de Biologia e Farmácia**, Campina Grande, v 2, n1., 2008.

CORRÊA, A. D.; BATISTA, R. S.; QUINTAS, L. E. **Plantas medicinais: do cultivo à terapêutica**. Petrópolis: Vozes, 1998. 247 p.

CORRÊA, M.P. **Dicionário de plantas úteis no Brasil e das exóticas cultivadas**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1926-1978. 747p.

COSTA, M.A. **Plantas & Saúde: guia introdutório à fitoterapia**. Distrito Federal: Secretaria de Saúde, 1992. 88p.

DI STASI, L. C. **Plantas medicinais: arte e ciência**. Um guia de estudo interdisciplinar. São Paulo: UNEP, 1996.

DE-LA-CRUZ-MOTA, M.G.F. **O trabalho de campo sob perspectiva da Etnobotânica**. 1997. 36f. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública), Instituto de Saúde Coletiva, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá.

FORMAN, L.; BRIDSON, D. **The herbarium hand book key**. Royal Botanic Gardens: UK, 1989. 167p.

Faria, A. P. O. C. **O Uso de Plantas Medicinais em Juscimeira e Rondonópolis, Mato Grosso: Um Estudo Etnoecológico**. 1998. 152 p. Dissertação (Mestrado) Departamento de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Mato Grosso, Cuiabá, MT. Disponível em:

http://eduep.uepb.edu.br/biofar/v5n1/levantamento_sobre_plantas_medicinais_come_rializadas_na_feira_livre_da_cidade_de_esperanca_pb.pdf. Acessado em: 02 de mai de 2012.

Fonseca-Kruel, V.S.& Peixoto, A.L. 2004. Etnobotânica na Reserva Extrativista Marinha de Arraial do Cabo, RJ, Brasil. **Acta Botanica Brasilica** 18: 177-190.

Guarim Neto, G.; Santana, S.R. & Silva, J.V.B. 2000. Notas etnobotânicas de espécies de Sapindadeae Jussieu. **Acta Botanica Brasilica** 14(3): 327-334.

JOSHI, A.R.; JOSHI, K. Indigenous knowledge and uses of medicinal plants by local communities of the Kali Gandaki Water shed Area, Nepal. **Journal of Ethnopharmacology**, v.73, p.175-83,2000.

JACOBY, C.; COLTRO, E.M.; SLOMA, D.C.; MÜLLER, J.; DIAS, L.A.; LUFT, M.; BERUSKI, P. **Plantas medicinais utilizadas pela comunidade rural de Guamirim, município de Irati, PR**. Irati: Departamento de Engenharia Florestal-UNICENTRO/Centro de Ciências Florestais e da Madeira/UFPR, 2002.

López, C. A. A. **Considerações gerais sobre plantas medicinais**. **Ambiente: Gestão e Desenvolvimento**, 1(1):19-27. 2006.

KFFURI, C. W. **Etnobotânica de plantas medicinais no município de Senador Firmino-MG**, Viçosa. 2008. 88p. Dissertação (Mestrado em Fitotecnia), Universidade Federal de Viçosa (UFV). Disponível em:

http://www.tede.ufv.br/tedesimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=1669>. Acesso em: 12 de mar de 2012.

LORENZI, H. **“Árvores brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas nativas do Brasil”**. Nova Odessa: Plantarum, 1992. 352p.

LORENZI, J.O. **Variação na qualidade culinária das raízes de mandioca**. **Bragantia**, Campinas, v.53, n.2: 237-245, 1994.

LORENZI, H. **Árvores brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas nativas do Brasil**. Nova Odessa: Plantarum, v.2, 1998. 352p.

LORENZI, H.; SOUZA, H.M. **Plantas ornamentais no Brasil: arbustivas, herbáceas e trepadeiras**. São Paulo: Plantarum, 1995. 720p.

- LAMEIRA, O. A. et al. 2004. Plantas Medicinais: Uso e Manipulação. Comunicado Técnico, 128, Belém -PA.
- MARINHO, M. G. V. **Levantamento de plantas medicinais em duas comunidades do sertão paraibano, Nordeste do Brasil, com ênfase na atividade imunológica de *Amburana cearenses*(Fr.All.) A.C. Smith (Fabaceae).**2006.171 f. Tese (Doutorado em Produtos Naturais e Sintéticos Bioativos) Laboratório de Tecnologia Farmacêutica, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2006.
- MASSAROTO, N.P. **Diversidade e uso de plantas medicinais por comunidades quilombolas Kalunga e urbanas, no nordeste do Estado de Goiás-GO, Brasil.** Dissertação de Mestrado. Brasília, 2009.
- MATOS, F. J. de A. **Introdução à fitoquímica experimental.** Fortaleza: Editora UFC, p.44-45. 1997.
- MACIEL, M. A. M.; PINTO, A. C.; VEIGA, V. E. Plantas medicinais: a necessidade de estudos multidisciplinares. **Química Nova**, v. 23, n. 3, p. 429-438. 2002.
- MAGALHÃES, A. **Perfil etnobotânico e conservacionista das comunidades do entorno da Reserva Natural Serra das Almas, Ceará – Piauí, Brasil.** 2006. 68f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e meio ambiente) – Programa Regional de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio ambiente, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2006.
- MING, L.C & AMARAL JÚNIOR, A. **Aspectos Etnobotânicos de Plantas Medicinais na Reserva Extrativista “Chico Mendes”.** (Tese de doutorado). Botucatu. UNESP. 180p. 1995.
- MEDEIROS, M.F.T. Plantas medicinais e seus usos pelos sítiantes da Reserva Rio das Pedras, Mangaratiba. **Acta bot. bras.** Rio de Janeiro: 391-399. 2004.
- MARTINAZZO, A. P.; MARTINS, T. Plantas medicinais utilizadas pela população de Cascavel/PR. **Arq. Ciênc. Saúde Unipar**, Umuarama, 8(1), jan./abr. p.3-5, 2004.
- MARINHO, M. G. V.; SILVA, C. C.; ANDRADE, L. H. C. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais em área de caatinga no município de São José de Espinharas, Paraíba, Brasil. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, Botucatu, v.13, n.2, p.170-182, 2011.
- Nodari, R.O. & Guerra, M.P. 2000. Biodiversidade: Aspectos biológicos, geográficos, legais e éticos. Pp. 11-24. In: C.M.O., Simoes; E.P. Schenkel; G. Gosmann; J.C.P. Mell; L.A. Mentz & P.R. Petrovick. (eds.) **Farmacognosia: da planta ao medicamento.** Porto Alegre / Florianópolis, UFRGS/UFSC.
- OLIVEIRA, H.B.; Estudos etnofarmacológico de plantas medicinais. Rosário da Limeira, Viçosa, MG, 2008. Disponível em:

http://www.tede.ufv.br/tedesimplificado/tde_arquivos/18/TDE-2008-07-21T123313Z-1252/Publico/texto%20completo.pdf. Acesso em: 18 de jun de 2012.

ODY, P. 1993. **The complete medicinal herbal**. Dorling Kindersley. Nova Iorque. 192p.

OMS – Organización Mundial de La Salud, Situación reglamentaria de los medicamentos herbarios. *Reseña Mundial*, 2000, 52 p.

PEREIRA-MARTINS, N. C. **Abordagem etnobotânica de plantas medicinais e alimentícias na comunidade negra de Abacatal, Ananindeua – PA**. Faculdade de Ciências Agrárias do Pará, 2001. 138 p. Dissertação (Mestrado em Agronomia).- FCAP, 2001.

PENSO, G. The role of WHO in the selection and characterization of medicinal plants (vegetables drugs). *Journal of Ethnopharmacology*, v.2, p.183-8, 1980.

PILLA, M. A.C.; AMOROZO, M. C. M.; FURLAN, A. Obtenção e uso de plantas medicinais no distrito de Martim Francisco, Município de Mogi Mirim, SP, Brasil. *Acta Botânica Brasileira*, v.20, n.4, p.789-802. 2006. Disponível em: <http://www.ibb.unesp.br/servicos/publicacoes/rbpm/pdf_v12_n1_2010/v12_n01_31_42.pdf>. Acesso em: 07 mar. 2012.

RIZZO, J. A.; CAMPOS, I. F. P. E.; JAIME, M. C.; MORGADO, W. F. Utilização de plantas medicinais nas cidades de Goiás e Pirenópolis, Estado de Goiás. *Revista de Ciências Farmacêuticas*, São Paulo, v.20, n.2, p.431-447, 1999.

RICARDO, L. G. P. de S. **Estudos etnobotânicos e prospecção fitoquímica das plantas medicinais utilizadas na comunidade do Horto, Juazeiro do Norte (CE)**. 2011. 87p. Dissertação (Mestrado em Ciências Florestais), Universidade Federal de Campina Grande, Patos, 2011.

RODRIGUES, A. G.; CASALI, V.W.D. 2002. Plantas medicinais conhecimento popular e etnociência. In: RODRIGUES, A.G.; ANDRADE, F.M.C.; COELHO, F.M.G et al. **Plantas medicinais e Aromáticas: Etnoecologia e Etnofarmacologia**. Viçosa: UFV, p. 25-76.

RODRIGUES, A.C.C.; GUEDES, M.L.S. Utilização de plantas medicinais no povoado Sapucaia, Cruz das Almas – Bahia. In: **Revista brasileira de plantas medicinais**, v. 8, n. 2, p. 1-7, 2006.

SANTILLI, J. Conhecimentos tradicionais associados a biodiversidade: elementos para a construção de um regime jurídico sui generis de proteção, In: **Diversidade Biológica e Conhecimentos Tradicionais**. Varella e Platiau (orgs). Belo Horizonte: Del Rey, 2004.

SÁ, S. M. A. **Estudos dos usos populares e triagem Fitoquímica e Antimicrobiana de plantas medicinais usadas por pacientes do Hospital das**

Clínicas (Recife/PE). Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2002.

SANTOS, C. A. dos. **Estudo etnobotânico de plantas medicinais, alimentares e tóxicas em comunidades do Sertão Paraibano – Brasil.** 2011. 98p. Monografia (Graduação em Ciências Biológicas). Universidade Federal de Campina Grande, CSTR /UACB: Patos-PB, 2011.

SANTOS, J.S. Levantamento etnobotânico da flora medicinal do município de Tacaratu, Pernambuco.2002.45f. Monografia (Especialização em Botânica) – Universidade de Pernambuco, Garanhuns.

SEVERIANO, M.V.N; et. al. Levantamento realizado das plantas medicinais cultivadas no centro de estudo e pesquisa Malaquias da Silva Amorim. **Revista de Biologia e Farmácia**, Campina Grande, v 4 – N 1.,2010

SILVA, Cleomária Gonçalves da. **Estudo etnobotânico e da atividade antimicrobiana 'in vitro' de plantas medicinais na comunidade do Sítio Nazaré, município de Milagres, Ceará.** 2012. Dissertação (Mestrado em Ciências Florestais). CSTR/UFCEG, Patos-PB, 2012, 101p

SALGADO, C.L.; GUIDO, L.de F.E. **O conhecimento Popular sobre Plantas: um Estudo Etnobotânico em Quintais do distrito de Martinésia, Uberlândia – MG,** 2006.

TEIXEIRA, S.T; MELO,J.I.M. Plantas medicinais utilizadas no município de Jupi, Pernambuco, Brasil.Iheringia, ser.Bot.,v. 61,n.1-2,2006.

VIERTLER,R.B. Métodos antropológicos como ferramenta para estudo em etnobiologia e Etnoecologia . p.12-29. In: M.C.M. Amorozo; L.C. Ming &S.M.P.Silva (orgs.).**Métodos de coleta e análise de dados em etnobiologia e Etnoecologia e disciplinas correlatas.** Rio Claro, UNESP/CNPq.2002

VENDRUSCOLO, G. S. e MENTZ, L. A. Levantamento etnobotânico das plantas utilizadas como medicinais por moradores do bairro Ponta Grossa, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. 2006. **Revista Iheringia**, Sér. Bot., Porto Alegre, v. 61, n. 1-2, p. 83-103, jan./dez. 2006. Disponível em: <http://www.fzb.rs.gov.br/publicacoes/iheringia-botanica/lh61-p83-103.pdf>>. Acesso em: 23 de março de 2012.

GLOSSÁRIO DAS PROPRIEDADES MEDICINAIS DAS PLANTAS

(Fontes: Carriconde, 2002; Marinho, 2006; Lorenzi e Matos, 2008)

Adstringente: que ou o que produz constrição, relativo a, ou aquilo que causa contração ou sensação de repuxamento na pele ou em outro tecido orgânico.

Analgésica: que suprime a dor, que paralisa, anestesia.

Anti-inflamatório: que combate as inflamações.

Anti-hemorrágico: que combate as hemorragias.

Antiespasmódico: que acalma os espasmos ou contrações da musculatura lisa.

Antiasmático: combate a asma.

Antifúngica: combate os fungos.

Anti-hipertensivo: que faz diminuir ou baixar a pressão sanguínea.

Antidiarreico: combate a diarreia.

Béquico: combate a tosse.

Cefaleia: dor de cabeça.

Depurativo: que limpa ou purifica o organismo.

Laxativo: que facilita a evacuação intestinal.

Sinusite: inflamação no seio nasal.

Vermífuga: expulsa os vermes do intestino.

ANEXOS

TABELA 1. Espécies de plantas medicinais citadas (nativas e cultivadas), utilizadas pelos informantes do Sítio Logradouro, município de Lagoa, Paraíba, Brasil, com suas respectivas famílias, nomes científicos, nome popular, parte usada, preparo, indicação, nativas ou cultivadas e frequência relativa.

Família/Nome Científico	Nome popular	Parte usada	Forma de uso	Indicação terapêutica	Status	Frequência Relativa
Anacardiaceae						
<i>Anacardium occidentale</i> L.	Caju	Casca, flor e entrecasca	Lambedor e chá	Anti-inflamatório, adstringente.	N	5,65 %
<i>Myracrodruon urundeuva</i> Allemão	Aroeira mansa	Casca	Chá, maceração, banho de assento	Anti-inflamatório, bronquite, inflamações do útero.	N	2,95 %
Alliaceae						
<i>Allium sativum</i> L.	Alho	Bulbo	Chá, xarope	Gripe, parasitoses intestinais	C	0,74%
Amaranthaceae						
<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	Mastruz	Toda a planta	Sumo e maceração	Cicatrizante, anti-inflamatório	N	3,68%
Asteraceae						
<i>Artemisia vulgaris</i> L.	Anador	Folha	Chá	Dores menstruais, febre	N	1,72%
<i>Egletes viscosa</i> (L.) Less.	Macela	Flores e semente	Chá, in natura	Diarreia, barriga inchada	N	4,42%
<i>Matricaria chamomilla</i> L.	Camomila	Folhas e flores	Chá	Calmante, pressão alta, dores de cabeça	C	0,49%

Continuação..

Família/Nome Científico	Nome popular	Parte usada	Forma de uso	Indicação terapêutica	Status	Frequência Relativa
Apiaceae						
<i>Foeniculum vulgare</i> Mill.	Erva doce	Semente	Chá	digestão, azia, cólicas	N	1,97%
<i>Anethum graveolens</i> L.	Endro	Folha e Semente	Chá	Analgésica, mal estar.	C	1,72%
<i>Coriandrum sativum</i> L.	Coentro	Folha e semente	Chá	Anti-hemorrágico, digestão	N	0,25%
Asphodelaceae						
<i>Aloe vera</i> (L.) Burm. f	Babosa	Casca	Sumo e emplastro	Cicatrizante e uso capilar	C	0,74%
Bignoniaceae						
<i>Jacaranda cuspidifolia</i> Mart. (n)	Caroba	Casca	Infusão	Inflamação, cicatrizante, diarreia	N	0,95%
<i>Tabebuia avelanadae</i> Lor.	Pau d'arco	Casca	Chá	Cicatrizante	N	0,74%

Continuação...

Família/Nome Científico	Nome popular	Parte usada	Forma de uso	Indicação terapêutica	Status	Frequência Relativa
Boraginaceae						
<i>Senna obtusifolia</i> (L.) H.S. Irwin & Barneby	Fedegoso	Raiz	Chá, decocto	béquico, anti-inflamatório e abortivo	N	0,25%
Citricaceae						
<i>Ananas comosus</i> (L.) Merr.	Abacaxi	Fruto	Lambedor ou in natura	Gripe, diurético.	C	0,74%
Cactaceae						
<i>Cereus jamacaru</i> DC.	Mandacaru	Folha e Raiz	Chá, lambedor	Anti-inflamatório, doenças da próstata, renais, gripe e béquico.	N	0,21%
Caricaceae						
<i>Carica papaya</i> L.	Mamão	Flor, fruta	Chá, in natura	Cicatrizante, anti-inflamatória, laxativa	N	0,49%
Casimiroideaceae						
<i>Poincianella pyramidalis</i> (Tul.) L. P. Queiroz	Catingueira	Folhas e casca	Chá e lambedor	Gripe, inflamações no corpo		1,47%
Capparidaceae						
<i>Cleomes pinosa</i> Jacq.	Mussambê	Raiz, flor, planta inteira	Chá, lambedor, xarope	Gripe, béquico, inflamações.	N	0,98%

Continuação...

Família/Nome Científico	Nome popular	Parte usada	Forma de uso	Indicação terapêutica	Status	Frequência Relativa
Crassulaceae						
<i>Bryophyllum pinnatum</i> (Lam.) Oken	Courama , hortelã folha grossa	Folhas	Xarope, emplastro	Tosse, furúnculos	C	1,90%
Cucurbitaceae						
<i>Luffa operculata</i> (L.) Cogn.	Cabacinha	Fruto	Infusão, decocção, inalação	Sinusite, febre e abortivo	N	0,74%
<i>Momordica charantia</i> L.	Melão de são Caetano	Folha e Semente	Chá, lambedor, emplasto	Antidiarreico, alergia, dor de barriga e hemorroidas	N	0,72%
<i>Cucurbita pepo</i> L	Abóbora	Flores e sementes	Chá, trituração	Estomáquico, vermífugas, anti-inflamatório	N	0,74%
Combretaceae						
<i>Combretum leprosum</i> Mart	Mofumbo	Casca e raiz	Xarope, cozimento	Tosse e sangramento	N	0,74%
Euphorbiaceae						
<i>Cnidocolus phyllacanthus</i> (Mull. Arg.) Pax e L. Hoffm.	Favela	Casca	Casca	Anti-inflamatório, anti-dermatoses	N	0,98%

Continuação...

Família/Nome Científico	Nome popular	Parte usada	Forma de uso	Indicação terapêutica	Status	Frequência Relativa
<i>Croton sonderianus</i> Mull.Arg.	Marmeleiro	Caule	Chá, lambedor	Dores e hemorragia uterina	N	0,74%
<i>Jatropha gossypifolia</i> L.	Pinhão roxo	Folha	Chá e maceração	Cicatrizante, antirreumática, anti-hipertensiva.	C	0,49%
<i>Cnidosculus vitifolius</i>	Cansação	Raiz	Chá	Apendicite	C	0,98%
Fabaceae						
<i>Anadenanthera colubrina</i> (Vell.) Brenan	Angico	Casca e entrecasca	Lambedor, banho	Béquico, gripe, anti-inflamatório.	N	2,7%
<i>Bauhinia cheilantha</i> (Bong.) Steud.	Mororó	Casca e folha	Chá, lambedor xarope	Diabete, béquico, gripe, cefaleia, dores de barriga.	N	0,49
<i>Caesalpinia ferrea</i> var. <i>cearensis</i> Huber	Jucá	Casca e fruto	Chá, lambedor, xarope	Gripe, béquico, inflamações nos rins, calmante.	N	0,98%

Continuação...

Família/Nome Científico	Nome popular	Parte usada	Forma de uso	Indicação terapêutica	Status	Frequência Relativa
<i>Amburana cearensis</i> (Allemão) A.C. Sm	Cumarú	Casca	Lambedor	Gripe, bronquite e cólicas menstruais	N	3,93%
<i>Hymenaea courbaril</i> L.	Jatobá	Casca, entrecasca e fruto	Chá, infusão, decocção, lambedor, xarope.	Gripe, béquico, anemia, depurativo.	N	2,45%
<i>Mimosa tenuiflora</i> Benth	Jurema preta	Entrecasca	Banho, infusão	Cicatrizante, rouquidão e antifúngica	N	2,21%
Lamiaceae						
<i>Mentha pulegium</i> L.	Hortelã-miúda	Folhas	Chá e lambedor	Gripe, Febre e vermes	N	6,39%
<i>Ocimum basilicum</i> L.	Manjerição	Semente e folha	Chá	Dor de ouvido, febre, digestão	N	0,25%
<i>Origanum vulgare</i> L.	Manjerona	Folha	Chá	Analgésico, gripe e cólicas menstruais	C	0,25%
<i>Plectranthus amboinicus</i> (Lour.) Spreng.	Malva do reino, hortelã graúda	Folha	Lambedor, sumo	Gripe, tosse e inflamação	N	1,9%
<i>Rosmarinus officinalis</i> L.	Alecrim	Folhas e flores	Chá	Hipertensão, apetite, digestão	C	0,74%

Continuação...

Família/Nome Científico	Nome popular	Parte usada	Forma de uso	Indicação terapêutica	Status	Frequência Relativa
<i>Hyptis suaveolens</i> (L.) Poit.	Alfazema brava	Folhas e flores	Chá	Cólicas menstruais, problemas digestivos	N	4,42%
<i>Plectranthus barbatus</i> Andrews	Malva santa	Folhas	Lambedor, chá	Problemas de digestão e fígado	C	4,17%
Malpighiaceae						
<i>Malpighia emarginata</i> DC.	Acerola	Fruto	Suco ou in natura	Gripe, antioxidante	N	1,71%
Monimiaceae						
<i>Peumus boldus</i> Molina	Boldo do Chile	Folha	Chá	Cólica e febre	C	2,45%
Myrtaceae						
<i>Eucalyptus globulus</i> Labill.	Eucalipto	Folha	Chá	Gripe, febre e tosse	C	0,98%
Olacaceae						
<i>Ximenia americana</i> L.	Ameixa da terra	Casca e entrecasca	Lambedor, infusão, xarope, banho	Ferimentos externos, anti-inflamatório.	C	2,19%

Continuação...

Família/Nome Científico	Nome popular	Parte usada	Forma de uso	Indicação terapêutica	Status	Frequência Relativa
Passifloraceae						
<i>Passiflora edulis</i> Sims	Maracujá	Fruto	Chá e sumo	Calmante	C	0,25%
Punicaceae						
<i>Púnica granatum</i> L.	Romã	Fruto	Chá, lambedor, e in natura	Inflamação de garganta	N	5,89%
Poaceae						
<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf	Capim santo	folha	Chá	Diarreia, calmante, febre	N	2,51%
Phyllanthaceae						
<i>Phyllanthus niruri</i> L.	Quebra pedra	Raiz e folha	Chá, lambedor, xarope.	Pedras nos rins, fígado.	N	1,23%
Rutaceae						
<i>Citrus x limon</i> (L.) Burm.f.	Limão	Fruto e folha	Chá, suco e in natura	Diabetes, expectorante, anti-inflamatório	C	2,45%
<i>Citrus sinensis</i> (L.) Osbeck	Laranjeira	Folha e fruto	Chá, suco e in natura	Insônia e gripe	C	3,19%

Continuação...

Família/Nome Científico	Nome popular	Parte usada	Forma de uso	Indicação terapêutica	Status	Frequência Relativa
<i>Ruta graveolens</i> L.	Arruda	Folha	Chá	Dores de ouvido, dente. Febre, abortivo	C	1,42%
Rhamnaceae						
<i>Ziziphus joazeiro</i> Mart.	Juazeiro	Entrecasca, folha e fruto	Chá, decocção.	Anemia, dores de barriga, anti-inflamatório.	N	0,5%
Rubiaceae						
<i>Coutarea hexandra</i> (Jacq.) K. Schum.	Quina-quina	Entrecasca	Chá, decocção	Gripe, tosse, anti-inflamatório, sinusite.	C	1,47%
<i>Genipa americana</i> L.	Jenipapeiro	Casca	Toda a planta	Gripe, anemia, béquico, anti-inflamatório	N	0,26%
Sapotaceae						
<i>Sideroxylon obtusifolium</i> (Roem. & Schult.) T. D. Penn.	Quixabeira	Casca e entrecasca	Chá, e lambedor	Cicatrizante, gripe, béquico, inflamações no corpo.	N	0,25%
Theaceae						
<i>Camellia sinensis</i> (L.) Kuntze	Chá preto	Semente	Chá	Digestivo, Anemia, problemas renais, antiasmático .	C	0,25%

Continuação...

Família/Nome Científico	Nome popular	Parte usada	Forma de uso	Indicação terapêutica	Status	Frequência Relativa
Verbenaceae						
<i>Lantana camara</i> L.	Camará	Folhas e flores	Chá e lambedor	Tônico, bronquite, rouquidão, dores musculares	N	0,25%
<i>Lippia alba</i> (Mill.)N.E.Br.	Erva cidreira	Folha	Chá	Calmanete, antiespasmódico	N	3,68

ANEXO II

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Nome da Pesquisa: **Estudo etnobotânico de plantas medicinais utilizadas pelos moradores do Sítio Logradouro, município de Lagoa, Paraíba.**

Pesquisadora responsável: Janiery Pereira e Silva Lopes

Informações sobre a Pesquisa: Estamos realizando um estudo etnobotânico de plantas de uso medicinal utilizada pelos moradores desta localidade. O objetivo desta pesquisa é fazer um levantamento etnobotânico, com a necessidade de se conhecer a flora utilizada pela medicina doméstica. Sua participação é valiosa para a referida pesquisa, pois dará uma grande contribuição para a aluna, como também para o ensino e pesquisa.

Eu, _____, RG n° _____
_____ declaro ter sido informado e concordo em participar, como voluntário, do projeto de pesquisa acima descrito e que terei de acordo com a Resolução 196/1996 Cap.IV .Inciso IV.1 todos os meus direitos abaixo relacionados:

1)A garantia de receber todos os esclarecimentos sobre as perguntas do questionário antes e durante o transcurso da pesquisa, podendo afastar-me em qualquer momento se assim o desejar, bem como está assegurando o absoluto sigilo das informações obtidas.

2)A segurança de que não terei nenhum tipo de despesa para participar desta pesquisa, bem como nada será pago por sua participação.

3)A garantia de que não serei identificado (a) mantendo o caráter oficial da informação, assim como, está assegurado (a) que a pesquisa não acarretará nenhum prejuízo individual ou coletivo.

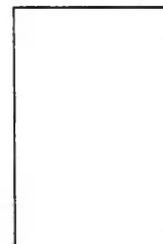
4) A garantia de que toda e qualquer responsabilidade nas diferentes fases da pesquisa é dos pesquisadores, ficando assegurado que poderá haver divulgação dos resultados finais em órgãos de divulgação científica em que a mesma seja aceita.

5)A garantia de que todo o material resultante será utilizado exclusivamente para a construção da pesquisa e ficarão sob a guarda dos pesquisadores, podendo ser requisitado pelo entrevistado em qualquer momento.

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento em participar da pesquisa.

Lagoa – PB, _____, de Março de 2012.

_____ Digital do (a) participante
Assinatura do (a) participante



Atenciosamente,

Assinatura da pesquisadora responsável

ANEXO III

Questionário sobre plantas medicinais, aplicado junto a comunidade do Sítio Logradouro, município de Lagoa, Paraíba, 2012.**A - Sobre o informante**

01. Nome: _____

02. Sexo: Feminino Idade: _____ anos
 Masculino03. Há quanto tempo reside no local?
 recente entre 10 a 30 anos mais de 50 anos
 entre 2 a 10 anos entre 30 a 50 anos não lembra04. Qual seu estado civil?
 Solteiro(a) Casado(a) Viúvo(a) Outros05. Qual o seu nível de escolaridade?
 Sabe ler e escrever Sabe ler e escrever pouco
 Sabe apenas assinar o nome Não sabe ler, nem escrever**B- Sobre as plantas medicinais.**

01. O que é uma planta medicinal? _____

02. Para você, as plantas medicinais são importantes? Por quê _____

03. Você acredita no poder curador das plantas medicinais? Sim Não .

04. Se você adoecer, recorrerá primeiro a quem:

- Posto médico ou hospital;
- Rezador;
- Remédios farmacêuticos;
- Se trata com remédios feitos a partir de plantas;
- Não procura nenhum desses recursos;
- Outros: _____

05. Você costuma usar remédios feitos com plantas medicinais? Sim Não 06. De quem herdou os conhecimentos sobre o uso das plantas medicinais? Pais
 Avós TV Rádio Livros07. Quais as partes da planta que você mais usa?
 Raízes Cascas Folhas Flores Frutos Sementes

ANEXO IV

Normas da Revista Brasileira de Plantas Mediciniais a ser submetido os artigos.

INSTRUÇÕES AOS AUTORES

A *Revista Brasileira de Plantas Mediciniais - RBPM* é publicação trimestral e destina-se à divulgação de trabalhos científicos originais, revisões bibliográficas e notas prévias, que deverão ser inéditos e contemplar as grandes áreas relativas ao estudo de plantas mediciniais. Manuscritos que envolvam ensaios clínicos deverão vir acompanhados de autorização de Comissão de Ética constituída, para realização dos experimentos. Os artigos podem ser redigidos em português, inglês ou espanhol, sendo sempre obrigatória a apresentação do resumo em português e em inglês, independente do idioma utilizado. Os artigos devem ser enviados por email: rbpm@ibb.unesp.br, com letra Arial 12, espaço duplo, margens de 2 cm, em Word for Windows. Artigos muito extensos, fotografias e gráficos coloridos podem ser publicados, a critério do Corpo Editorial, se o autor se comprometer, mediante entendimentos prévios, a cobrir parte das despesas de publicação. No e-mail, enviar telefone para contatos mais urgentes.

REVISÕES BIBLIOGRÁFICAS E NOTAS PRÉVIAS

Revisões e Notas prévias deverão ser organizadas basicamente em: Título, Autores, Resumo, Palavras-chave, Abstract, Key words, Texto, Agradecimento (se houver) e Referência.

ARTIGO CIENTÍFICO: Os artigos deverão ser organizados em:

TÍTULO: Deverá ser claro e conciso, escrito apenas com a inicial maiúscula, negrito, centralizado, na parte superior da página. Se houver subtítulo, deverá ser em seguida ao título, em minúscula, podendo ser precedido de um número de ordem em algarismo romano. Os nomes comuns das plantas mediciniais devem ser seguidos

pelo nome científico entre parênteses, verificado em www.tropicos.org e www.ipni.org.

AUTORES: Começar pelo último sobrenome dos autores por extenso (nomes intermediários somente iniciais, sem espaço entre elas) em letras maiúsculas, 2 linhas abaixo do título. Após o nome de cada autor deverá ser colocado um número sobrescrito que deverá corresponder instituição e endereço (CEP, cidade, país). Indicar o autor que deverá receber a correspondência, com e-mail. Os autores devem ser separados com ponto e vírgula.

RESUMO: Deverá constar da mesma página onde estão o título e os autores, duas linhas abaixo dos autores. O resumo deverá ser escrito em um único parágrafo, contendo objetivo, resumo do material e método, principais resultados e conclusão. Não deverá apresentar citação bibliográfica.

Palavras-chave: Deverão ser colocadas uma linha abaixo do resumo, na margem esquerda, podendo constar até cinco palavras, separadas com vírgula.

ABSTRACT: Apresentar o título e resumo em inglês, no mesmo formato do redigido em português, com exceção do título, em negrito, apenas com a inicial em maiúscula, que virá após a palavra **ABSTRACT**.

Keywords: Abaixo do abstract deverão ser colocadas as palavras-chave em inglês, podendo constar até cinco palavras, separadas com vírgula.

INTRODUÇÃO: Na introdução deverá constar breve revisão de literatura e os objetivos do trabalho. As citações de autores no texto deverão ser feitas de acordo com os seguintes exemplos: Silva (1996); Pereira & Antunes (1985); (Souza & Silva, 1986) ou quando houver mais de dois autores Santos et al. (1996).

MATERIAL E MÉTODO: Deverá ser feita apresentação completa das técnicas originais empregadas ou com referências de trabalhos anteriores que as descrevam. As análises estatísticas deverão ser igualmente referenciadas. Na metodologia deverão constar os seguintes dados da espécie estudada: nome científico com autor; nome do herbário onde a excicata está depositada e o respectivo número (*Voucher Number*).

RESULTADO E DISCUSSÃO: Poderão ser apresentados separados ou como um só capítulo, podendo conter no final conclusão sumarizada.

AGRADECIMENTO: deverá ser colocado neste capítulo (quando houver).

REFERÊNCIA: As referências devem seguir os exemplos:

Periódicos:

AUTOR(ES) separados por ponto e vírgula, sem espaço entre as iniciais. Título do artigo. **Nome da Revista, por extenso**, volume, número, página inicial-página final, ano.

KAWAGISHI, H. et al. Fractionation and antitumor activity of the water-insoluble residue of *Agaricus blazei* fruiting bodies. **Carbohydrate Research**, v.186, n.2, p.267- 73, 1989.

ATENÇÃO: *Artigos que não estiverem de acordo com essas normas serão devolvidos.*

Observação: São de exclusiva responsabilidade dos autores as opiniões e conceitos emitidos nos trabalhos. Contudo, reserva-se ao Corpo Editorial, o direito de sugerir ou solicitar modificações que julgarem necessárias.

Livros :

AUTOR. **Título do livro**. Edição. Local de publicação: Editora, Ano. Total de páginas.

MURRIA, R.D.H.; MÉNDEZ, J.; BROWN, S.A. **The natural coumarins: occurrence, chemistry and biochemistry**. 3.ed. Chinchester: John Wiley & Sons, 1982. 702p.

Capítulos de livros:

AUTOR(ES) DO CAPÍTULO. Título do Capítulo. In: AUTOR (ES) do LIVRO. **Título do livro**: subtítulo. Edição. Local de Publicação: Editora, ano, página inicial-página final.

HUFFAKER, R.C. Protein metabolism. In: STEWARD, F.C. (Ed.). **Plant physiology: a treatise**. Orlando: Academic Press, 1983. p.267-33.

Tese ou Dissertação:

AUTOR. **Título em destaque**: subtítulo. Ano. Total de páginas. Categoria (grau e área de concentração) - Instituição, Universidade, Local.

OLIVEIRA, A.F.M. **Caracterização de Acanthaceae medicinais conhecidas como anador no nordeste do Brasil**. 1995. 125p. Dissertação (Mestrado - Área de Concentração em Botânica) - Departamento de Botânica, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

Trabalho de Evento:

AUTOR(ES). Título do trabalho. In: Nome do evento em caixa alta, número, ano, local. **Tipo de publicação em destaque**... Local: Editora, ano. página inicial-página final. VIEIRA, R.F.; MARTINS, M.V.M. Estudos etnobotânicos de espécies medicinais de uso popular no Cerrado. In: INTERNATIONAL SAVANNA SYMPOSIUM, 3., 1996, Brasília. **Proceedings**... Brasília: Embrapa, 1996. p.169-71.

Publicação Eletrônica:

AUTOR(ES). Título do artigo. **Título do periódico em destaque**, volume, número, página inicial-página final, ano. Local: editora, ano. Páginas. Disponível em: <<http://www.....>>. Acesso em: dia mês (abreviado) ano.

PEREIRA, R.S. et al. Atividade antibacteriana de óleos essenciais em cepas isoladas de infecção urinária. **Revista de Saúde Pública**, v.38, n.2, p.326-8, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br>. Acesso em: 18 abr. 2005.

Não citar resumos e relatórios de pesquisa a não ser que a informação seja muito importante e não tenha sido publicada de outra forma. Comunicações pessoais devem ser colocadas no rodapé da página onde aparecem no texto e evitadas se possível. Devem ser, também, evitadas citações do tipo Almeida (1994) citado por Souza (1997).

TABELAS: Devem ser inseridas no texto, com letra do tipo Arial 10, espaço simples. A palavra TABELA (Arial 12) deve ser em letras maiúsculas, seguidas por algarismo arábico, quando citadas no texto devem ser em letras minúsculas (Tabela).

FIGURAS: As ilustrações (gráficas, fotográficas, desenhos, mapas) devem ser em letras maiúsculas seguidas por algarismo arábico, Arial 12, inseridas no texto. Quando citadas no texto devem ser em letras minúsculas (Figura). As legendas e eixos devem ser em Arial 10, enviadas em arquivos separados, com resolução 300 DPI, 800 x 600, com extensão JPEG, para impressão de publicação.

Processo de avaliação: Os manuscritos são analisados por pelo menos dois pareceristas, segundo roteiro de análise, baseado principalmente no conteúdo científico. Os pareceristas recomendarão a aceitação, com ou sem necessidade de retornar; recusa ou sugerir reformulações, que neste caso, o artigo reformulado retornará aos pareceristas para avaliação final. Quando no mínimo 2 pareceristas aprovarem, sem necessidade de retornar, o artigo estará pronto para ser publicado. Os nomes dos pareceristas permanecerão em sigilo, omitindo-se também perante estes os nomes dos autores.

Direitos autorais: Ao encaminhar um manuscrito para a revista, os autores devem estar cientes de que, se aprovado para publicação, o copyright do artigo, incluindo os direitos de reprodução em todas as mídias e formatos, deverá ser concedido

exclusivamente para a Revista Brasileira de Plantas Mediciniais. A revista não recusará as solicitações legítimas dos autores para reproduzir seus artigos.